

A CASA DE RUY BARBOSA

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO

INÍCIO DESTA REPORTAGEM

A REVISTA DO SERVIÇO PÚBLICO continua a divulgar, por meio destas reportagens, as mais diversas atividades de nossos setores administrativos e culturais.

Damos preferência a assuntos que sejam realmente interessantes e permitam ainda divulgação sob aspectos possivelmente novos ou desconhecidos da maioria de nossos leitores.

No mês passado tratámos de índios, e agora vamos escrever sobre a Casa de Ruy Barbosa. Convenhamos que o salto não poderia ser maior...

Eis aí clara demonstração da variedade de temas de nossas reportagens.

Quanto à presunção de novos aspectos de que, por acaso, se revistam, deixamos ao leitor julgá-los, pois, ao repórter, o que lhe parece novo é, muitas vezes, velho, velhíssimo para muita gente.

Em verdade, só de uma originalidade nos sentimos dotado: a proveniente da sinceridade que imprimimos aos nossos trabalhos, aliás a única forma de ser da originalidade, como observou Carlyle ao afirmar que "the merit of originality is not novelty; it is sincerity".

Também devemos advertir o leitor de que não pretendemos absolutamente comentar a obra de Ruy...

Seríamos "intrépidos na parvoidade", como diria o Mestre, se lhe quiséssemos — ai de nós! — apreciar, como simples repórter que somos, a personalidade insigne, ainda que o fizéssemos cautelosamente. Dêse e de outros percalços estamos livres, e os leitores da *Revista do Serviço Público* beneficiados, por sua vez, com tão louvável conduta...

Havemos de restringir este trabalho a simples notas do que vimos e observámos na casa do eminente polígrafo, onde tivemos benevolente ajuda de quem lhe conhece todos os meandros e todos os segredos, encerrados em milhares de cofres preciosos — os livros que Ruy leu atentamente, anotou e comentou.

O velho solar da rua São Clemente proporciona ao visitante indefinível bem-estar, assim como a satisfação de antiga e saudável curiosidade, que, com o tempo, à distância daquele recinto venerável, se transforma em grata e confortadora recordação, pelo conhecimento que lhe foi proporcionado de um mundo de coisas tão intimamente ligadas à vida do eminente homem público. E com esta reportagem desejamos oferecer nossa contribuição no sentido de tornar esse conhecimento possível àqueles que não visitaram ainda a Casa de Ruy Barbosa.

Ansiávamos pelo início desta reportagem. Natural. Na véspera, na redação do *Correio da Manhã*, conversámos a respeito com o brilhante Dr. Alberto Rego Lins, que nos aconselhou a procurar na Casa de Ruy Barbosa o professor Homero Pires, "que — acentuou — desde a juventude vem se dedicando com muito espírito, muito carinho e muito amor ao estudo da personalidade e da obra de Ruy".

O Dr. Rego Lins foi generoso: acrescentou que, em seu nome, poderíamos falar ao professor Homero Pires e dizer-lhe francamente de nosso propósito de escrever esta reportagem.

No dia seguinte lá estávamos. O professor Homero Pires ainda não havia chegado quando o procurámos. Resolvemos esperá-lo no jardim, em sítio bem próximo de seu gabinete de trabalho. Prelibávamos o prazer de ir, dentro em pouco, ver de perto não só a grande biblioteca da casa de Ruy, como também os móveis e objetos que a guarnecem.

Naturalmente o professor Homero Pires não deixaria de apresentar-nos ao Dr. Américo Jacobina Lacombe, diretor da Casa, que de certo nos proporcionaria também facilidades ao desempenho da tarefa que nos impuséramos espontaneamente. E só essa expectativa de orientação dêsses dois conhecedores da Casa nos encorajou, e muito.

Situação idêntica havíamos enfrentado há dois meses atrás, ao escrever sobre a vida secular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde outro professor, o Dr. Feijó Bittencourt, nos dera também valioso auxílio à feitura de reportagem semelhante. Ali chegámos a nos aproximar do limiar da Arca do Sigilo, que não invadimos porque é mesmo de segredos... Mas outros arcanos nos foram revelados, como aquelas cartas do marquês de Olinda ao visconde de Sinimbu e, entre as de Francisco Otaviano, a referente ao projeto de fundação, no Rio de Janeiro, de uma Academia Imperial de Letras, conforme escreveu ao visconde de Ourém nestes termos:

"Sociedades literárias, sabes tu que as há poucas; lembro-me do Instituto Histórico, Academia de Medicina, Filomática do Rio, idem da Baía, u'a no Pará, etc. Estamos agora no empenho, eu, Pôrto Alegre, Gonçalves Dias, Paula Menezes, Macedo e outros, de fundarmos u'a Academia Imperial de Letras e Ciências no Rio, com filiais nas Províncias".

Também revelámos apontamentos íntimos de José Bonifácio, ainda quando moço, na sua passagem por Paris,

apontamentos êsses que o patriarca tomou em reles caderninhos e os quais não nos conveio reproduzir na íntegra...

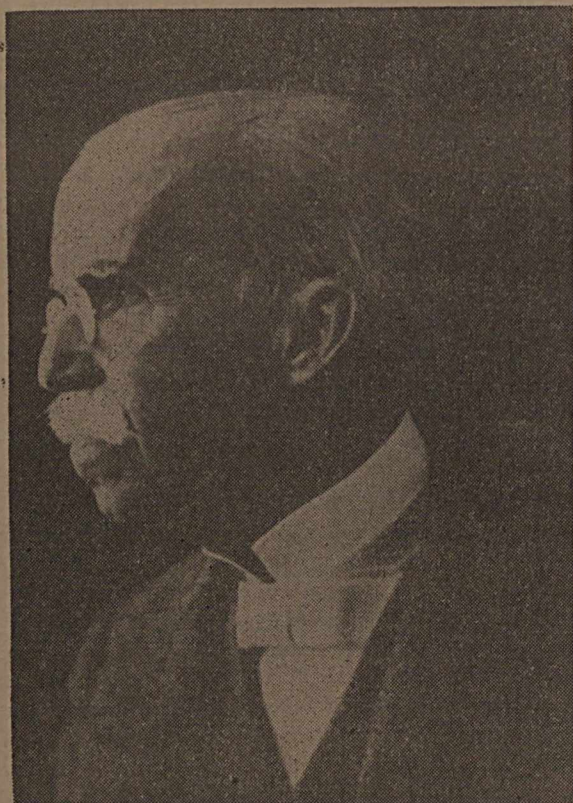
CENA QUE FAZ LEMBRAR JUDICIOSO CONCEITO

Mas, como estávamos dizendo, ficámos por instantes no jardim da Casa de Ruy à espera do professor Homero Pires.

Naquele recanto, aprazível cena imprevista nos fez lembrar êste judicioso conceito sôbre a personalidade de Ruy e expendido pelo jurisconsulto português Cunha e Costa:

"Príncipe da palavra falada e escrita, o poder verbal orçando pelo gênio, não era afinal mais do que a expressão magnífica duma cultura que assombra pela vastidão, e duma espiritualização cuja revoada estonteia".

... "que assombra pela vastidão, e duma espiritualização cuja revoada estonteia".



Um dos últimos retratos de Ruy Barbosa

E, francamente, não há como repetir e considerar tão justa apreciação da mentalidade de Ruy.

Na beirada do telhado do velho solar pombos a arrulhar e, de vez em quando, a curtos vôos, um ou outro esvoaçava para as cornijas das janelas logo abaixo, as quais percorria de um para outro lado.

De repente um funcionário da Casa, sacudindo longo bambú, fê-los todos levantar vôo, em magnífica revoada contornando lá no alto o tópo dos arranha-céus da vizi-

nhança. E, assim, esta revoada nos fez lembrar a outra, imensa e estonteante, a simbolizar o espírito e a cultura assombrosa de Ruy...

NO EDIFÍCIO ANEXO

Ao lado do edifício principal, acham-se instaladas, em construção anexa, as salas de leitura e de conferências da Casa de Ruy Barbosa e também o gabinete em que trabalha o professor Homero Pires.

Com a adaptação assim dêsse "puxado", preservou-se o grande edifício de qualquer alteração de suas dependências internas, conservadas até hoje como sempre foram.

O Dr. Homero Pires recebeu-nos em seu gabinete logo à chegada e antes mesmo de iniciar o trabalho diário.

Não nos conhecíamos pessoalmente. O Dr. Homero Pires preferiu ouvir-nos primeiro, sem interromper-nos. Hábito naturalmente adquirido na cátedra de professor. Como jornalista, de certo que lhe seria agradável ouvir falar em imprensa, e o repórter deu à conversa êsse rumo, referindo-se a reportagens anteriores para a *Revista do Serviço Público* e a entrevistas que tivera com Artur Neiva, Rondon, Lourenço Filho, etc., todos solícitos em auxiliá-lo quando os procurara. E, aos poucos, chegámos a nos tornar até simpático ao professor Homero Pires... E é fácil distinguir o sorriso convencional, de gentileza, do sorriso que traduz realmente satisfação. Mas não bastava simpatia, impunha-se que lhe inspirássemos confiança. Também não nos foi difícil: dissemos-lhe que nossa reportagem não poderia ser feita às pressas. Bem ao contrário — naturalmente exigiria várias visitas à Casa de Ruy Barbosa, e no momento só estávamos nos apresentando... O início ficaria para outra vez, quando o professor Homero Pires determinasse.

— Não há dúvida. Para depois de amanhã, então, às duas horas da tarde. Vou apresentá-lo, quando voltar, ao diretor, Dr. Américo Lacombe. Aqui tenho alguns trabalhos sôbre Ruy, todos conferências que a Casa distribue.

E assim, nesse dia, o professor Homero Pires safou-se brilhantemente do mais cacete dos repórteres...

OS PRIMEIROS APONTAMENTOS

Dois dias depois voltámos à Casa de Ruy Barbosa e tomámos os primeiros apontamentos para esta reportagem.

Logo à entrada, começámos a tarefa ao defrontar o busto, em mármore, de Ruy tendo numa placa esta inscrição:

"A Ruy Barbosa
herma
mandada colocar
em nome da Bahia
pelo seu interventor
Cap. Juracy Magalhães
11 Agosto 1933"

E vamos até à entrada do edifício, à procura de informação na portaria sôbre se já se achava presente o diretor Américo Lacombe ou o professor Homero Pires.

Do lado externo, à esquerda, três placas de bronze com êstes dizeres:

"A la memoria del
jurista eminente
Ruy Barbosa
Homenaje de los alumnos
de 6.º año de la Facultad
de Derecho de Córdoba
Julio — 1938"

Noutra :

"A Ruy Barbosa
La Municipalidad de Buenos Aires
Agosto de 1935"

Noutra ainda :

"A Ruy Barbosa,
Precursor da educação física
no Brasil,
A turma de 1941 da
Escola Nacional de Educação Física
5-1-42"

À direita, mais estas duas placas :

"A Ruy Barbosa
A F.A.L.B. consagra o
Dia da Cultura Nacional
V-XI-MCMXXXIX"

"Homenagem do Pri-
meiro Congresso Panamericano
de Educação Física
à memória de Ruy Barbosa,
o grande precursor de educação física
no Brasil
Rio de Janeiro, Julho de 1943"

Assim como Ruy, só vimos homenageado Oswaldo Cruz, que, numa das varandas do Instituto de Manguinhos, tem seis placas de bronze, mandadas ali colocar por instituições científicas argentinas, uruguaias e paraguaias e em termos altamente lisongeiros à inteligência e ao saber do grande cientista brasileiro.

Na parte interna e ao lado esquerdo da entrada da Portaria, lê-se nesta outra placa :

"Casa Ruy Barbosa
Inaugurada a XIII-VIII-MCMXXX
Presidente da República :
Dr. Washington Luis Pereira de Souza
Ministro da Justiça :
Dr. Augusto de Vianna do Castello."

Voltámos ao banco do jardim onde estivéramos dois dias antes, e revimos os pombos, aqueles pombos que, em bela revoadas, nos fizeram pensar na imagem feliz de Cunha e Costa sobre a personalidade de Ruy.

O professor Homero Pires nos havia dito que, nos dias de intenso calor, Ruy costumava trabalhar à sombra de velhas árvores do jardim, em mesa apropriada, que mandara fazer especialmente para esse fim.

Talvez um dos sítios de sua predileção fôsse aquele em que nos achávamos, a uns vinte metros da varanda da sala

de jantar e onde ainda hoje se encontra um largo banco de pedra. Ao lado dêste e próximo de um caramanchão pode ser vista, já bem desenvolvido, o "pau-brasil" que o presidente Washington Luis plantou em 1930 em homenagem a Ruy. A arvorezinha recebeu achegas de terra vinda especialmente da Baía e foi regada com água do rio São Francisco.

PERCORRENDO A CASA DE RUY BARBOSA

Com a chegada do Dr. Homero Pires, que então nos apresentou ao diretor Américo Lacombe, começámos, afinal, a percorrer a casa em que durante trinta anos viveu Ruy Barbosa.

Iniciámos nossa visita pela

SALA DE HAYA

Vencida pequena escada, defrontámos um corredor, para o qual deitam alguns compartimentos da casa. O primeiro tem à entrada esta indicação : "Sala de Haya".

— Ruy chamava a esta sala de "Gabinete Holandês". O nome atual foi dado pelo presidente Washington Luis, que aliás o fez às demais salas. E o senhor vai ver, também, as salas : "Estado de Sítio", "Pro-Aliados", "Civilista", "Casamento Civil", "Buenos Aires", "Código Civil", "Habeas-Corpus", etc.

Com semelhante informação, o Dr. Américo Lacombe talvez nos quisesse pôr a coberto de qualquer surpresa ou espanto, mas, apesar de tudo, ficámos afinal surpreendidos... Percebe-se a intenção de Washington Luis. Não há dúvida que se percebe. Mas é inegável que alguns desses nomes chegam a ser extravagantes...

RUY BARBOSA E OS LIVROS

Guardávamos bem viva na lembrança a conferência que o Dr. Homero Pires pronunciara há tempos e agora impressa em folheto, intitulada "Ruy Barbosa e os livros", e na qual, logo de início, afirma : "Ruy Barbosa foi a vida inteira o homem do livro. Viveu do livro, com o livro e para o livro".

Observa-se, na sua biblioteca de 35 mil volumes, quantidade imensa de livros por ele anotados sabiamente. Em alguns chegou a fazer pequenos resumos do assunto versado pelo autor e isso na própria língua em que se acha redigido o livro. Incrível! Assim observámos em livros latinos, ingleses, franceses e portugueses. O que nos surpreendeu realmente foram as anotações, página a página, nos dicionários de Cândido de Figueiredo, Aulete e Moraes. No primeiro, como afirmou na "Réplica", encontrou Ruy a falta de 440 palavras, na 1.ª edição. Já na 2.ª Cândido de Figueiredo procurou corrigir-se, mas assim mesmo deixou ainda de fora 103. Entretanto, esse trabalho beneditino de pesquisas e anotações meticulosas nos três grandes dicionários, ele o fez para uso pessoal, e até há pouco se mantinha desconhecido dos próprios estudiosos de sua obra.

Na "Sala de Haya" fomos ter o primeiro contacto com os livros de Ruy, primorosamente conservados. Nenhum em brochura. As estantes todas envidraçadas. Nem poeira e muito menos aquele cheirinho característico de livros



Entrada usual da Casa de Ruy Barbosa, vendo-se ao lado o busto que, em nome da Baía, ofereceu à instituição o então interventor federal naquele Estado, Capitão Juraci Magalhães

velhos acumulados, e que se sente geralmente em bibliotecas, sobretudo nas instaladas em porões úmidos e de pouca luz, como a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, formada de 80 mil volumes, a estragarem-se com o tempo, de forma a causar pena. Na Casa de Ruy não há livro em porão, absolutamente.

DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

Não podemos perder tempo e só devemos tratar dos livros de Ruy que vimos e manuseámos. Não esperem que lhes falemos dos 35 mil volumes. Claro, claríssimo. Mas só daqueles que possam dar aos nossos prezados leitores idéia da riqueza da biblioteca de Ruy, que se dava ao luxo de ter de algumas das obras mais importantes todas as suas edições, revistas cuidadosamente afim de observar se os erros, as falhas ou até simples “gatos” e “pastéis” haviam sido corrigidos pelos autores.

Vamos aos dicionários e enciclopédias, os primeiros livros que abrimos na Casa de Ruy Barbosa. Em vez de descrever como foram anotados pelo mestre, melhor será reproduzir em fotografia as anotações feitas. Assim, não muito distante destas linhas, poderá o leitor encontrar as respectivas gravuras.

Mas foram êstes os dicionários e enciclopédias que logo na “Sala de Haya” encontrámos: o Du Cange, o Forcellini, o Freund, o clássico etimológico latino-espanhol de Dom Francisco Commeleran y Gomez, o Quicherat-Davely, o Saraiva, o da Academia Espanhola, em 18 volumes, estampado entre 1726 e 1739; o etimológico de Roque Barcia; os enciclopédicos da língua castelhana, de Elías Zerolo, Miguel de Toro y Gomez e Emiliano Isaza e os três volumes do *Diccionario Español*, o Littré, o Hatzfeld e Darmesteter; o *Century Dictionary*, o Petrocchi, o Ferrari e Caccia, o Bluteau (dádiva de Francisco de Castro); o *Diccionario da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa, que Ruy considerava “o mais autorizado léxico de nosso idioma”, etc.

MÓVEIS E OBJETOS DA “SALA DE HAYA”

Ruy, quando esteve em Haya, onde permaneceu seis meses, instalou-se no Hotel Palace, em Scheveningen, servindo-se de mobiliário que adquiriu pessoalmente e que agora pode ser visto no seu “Gabinete Holandês” ou “Sala de Haya”.

Compõe-se êsse mobiliário de uma estante, uma secretária e três cadeiras, com assento e encosto de couro.

Há também na "Sala de Haya" algumas outras peças de que Ruy se utilizava aqui no Rio e em Petrópolis. Assim, uma cadeira, toda de madeira, larga e baixinha, de que ele muito gostava para seus momentos de leitura e estudo em Petrópolis; um cofre grande de ferro, cheio de gavetas, adquirido há pouco tempo pela direção da Casa de Ruy Barbosa para guarda de documentos de caráter político ou íntimo da vida doméstica de Ruy; uma cadeira singela, de palhinha no assento, a qual fazia parte de antigo mobiliário da residência de Ruy no Flamengo; quadros, etc.

Dos móveis, o de maior valor histórico é, sem dúvida, a secretária em que Ruy trabalhava no seu apartamento no Hotel Palace, de Scheveningen. Como a estante e as cadeiras, é de apresentação muito modesta.

Sobre a secretária e expostos protegidos por cobertura de vidro, há estes objetos: pasta de couro preto, para guardar papéis, com estes dizeres: "Deuxième Conférence de la Paix — 1907"; pasta de conduzir papéis, tendo junto ao fêcho esta inscrição: "Ruy Barbosa — Hotel Palace — Scheveningen"; álbum de fotografias de viagem de Ruy para Haia, a bordo do "Araguaya" em junho de 1907; tinteiro de que se servia em Petrópolis; jarra que lhe foi oferecida pelo coronel Carlos Viana Bandeira em 5 de novembro de 1920, e outros pequenos objetos.

Agrada ao visitante ver dois quadros, um grande e outro pequeno, reproduzindo, em fotografia, dois aspectos do plenário da Conferência da Paz.

Que cenário imponente!

Lá está Ruy, sumidinho, entre os 221 delegados. As fotografias não são muito nítidas, e daí a dificuldade de identificarem-se mesmo as figuras mais conhecidas do grande conclave. Por isso, organizou-se um gráfico, que se encontra sob a fotografia maior, com a situação de cada delegado. Também há em composição tipográfica muito reduzida, em corpo 5 ou 6, a relação dos nomes de todos os 221 conferencistas.

Perto desses dois quadros, há um medalhão em porcelana, reprodução do retrato de Ruy e oferta da Fábrica Deft, tendo atrás esta quadra de Felisberto de Abreu:

"À inteligência insuperável,
Ao brasileiro mais notável,
À alma sublime e portentosa,
Ao Conselheiro Ruy Barbosa.

Paris, 23-11-1907".

Ruy deveria ter ficado muito sensibilizado com a homenagem da Fábrica Deft, mas a quadra, certamente, não lhe teria deixado grande impressão...

O QUE CONTÉM O GRANDE COFRE DE AÇO

Como dissemos, na "Sala de Haya" foi colocado grande cofre de aço, que guarda documentos de valor que pertenceram a Ruy.

Atendendo a solicitação nossa, o Dr. Américo Lacombe nos mostrou esses documentos, na maioria decretos do Governo Provisório referendados pelo Vice-chefe e ministro da Fazenda, Ruy Barbosa. Lá está a sua patente de general de brigada, assinada por Deodoro a 13 de junho

de 1890. Como se sabe, essa patente lhe foi cassada por Floriano e depois restabelecida por Prudente de Moraes.

Vimos o decreto n. 966-A, de 7 de julho de 1890, que criou o Tribunal de Contas, e também a exposição de motivos, que Ruy emendou em vários pontos, a ele referente.

Ruy, quando ministro da Fazenda, foi encontrar vários processos por despachar e bem antigos, do governo monárquico. Entre esses estavam originais de resoluções e pareceres do Conselho de Estado do Império, de 1 de julho de 1886 e assinados pelo Visconde Vieira da Silva, Paulino



Fundos da Casa de Ruy, em cuja parte térrea está hoje localizado o salão de leitura

José Soares de Souza e M. P. de Souza Dantas. Esses originais referem-se à sessão da Fazenda do Conselho de Estado.

No meio da papelada contida no cofre podem ser vistos vários decretos do Governo Provisório; uns publicados e outros, não; a nomeação de Ruy para vice-chefe desse governo, datada de 31 de dezembro de 1889; decretos de nomeação para embaixador em Haia e Buenos Aires; diplomas de sócio de várias instituições culturais e também honoríficos, como o de Grã Cruz da Ordem da Coroa da Bélgica; o de Cruz de Ouro, da Academia de Ciências de Portugal, assinado por Teófilo Braga, em agosto de 1918, e finalmente o diploma de Grande Oficial da Legião de Honra, da França.

Duas mensagens muito honrosas: a da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, de comunicação a Ruy de

sua indicação unânime para lente catedrático dessa faculdade. O grande jurista não aceitou, entretanto, essa indicação, que está assinada, entre outros, por: Nilo Peçanha, Esmeraldino Bandeira, Lacerda de Almeida, Sílvio Romero, José Higino, Pizarro, Sancho de Barros Pimentel, Joaquim da Costa Barradas e Joaquim Abílio Borges. A outra mensagem é do Clube Tiradentes saudando Ruy pela "posição desassombrada, correta, patriótica que acabais de assumir no jornalismo nacional".

Tratava-se do início da campanha do *Diário de Notícias* contra os últimos gabinetes da Monarquia. Essa mensagem está assinada por Vicente de Souza e Antônio Justiniano Esteves Júnior.

Ruy, desde a mocidade, bateu-se com ardor, pugnando pela separação da Igreja do Estado. Afinal, em 7 de janeiro de 1890, quando ministro da Fazenda e interino da Justiça, o Governo Provisório, chefiado por Deodoro, baixou o decreto estabelecendo essa separação e que foi assinado por todo o ministério. Lá está a assinatura de Ruy. Mais ainda: todo o decreto foi redigido por ele pessoalmente, conforme constatamos pela reprodução fotográfica do original.

CADERNOS DE DESPESAS DIÁRIAS DE RUY

Ruy não poderia ser mais organizado do que foi. Até suas despesas diárias, em casa e na rua, éle as anotava rigorosamente em compridos cadernos, tipo "Calendário", nos quais as datas já vêm impressas, no topo e no meio de cada página. Ruy lançava, também, mensalmente, a receita, com discriminação de todas as origens, fôsem elas fixas, como a decorrente do mandato de senador pela Baía, fôsem extraordinárias, de causas ou assistência jurídica a algumas organizações de trabalho. Tudo feito e lançado nos menores detalhes.

BONS TEMPOS AQUELES!

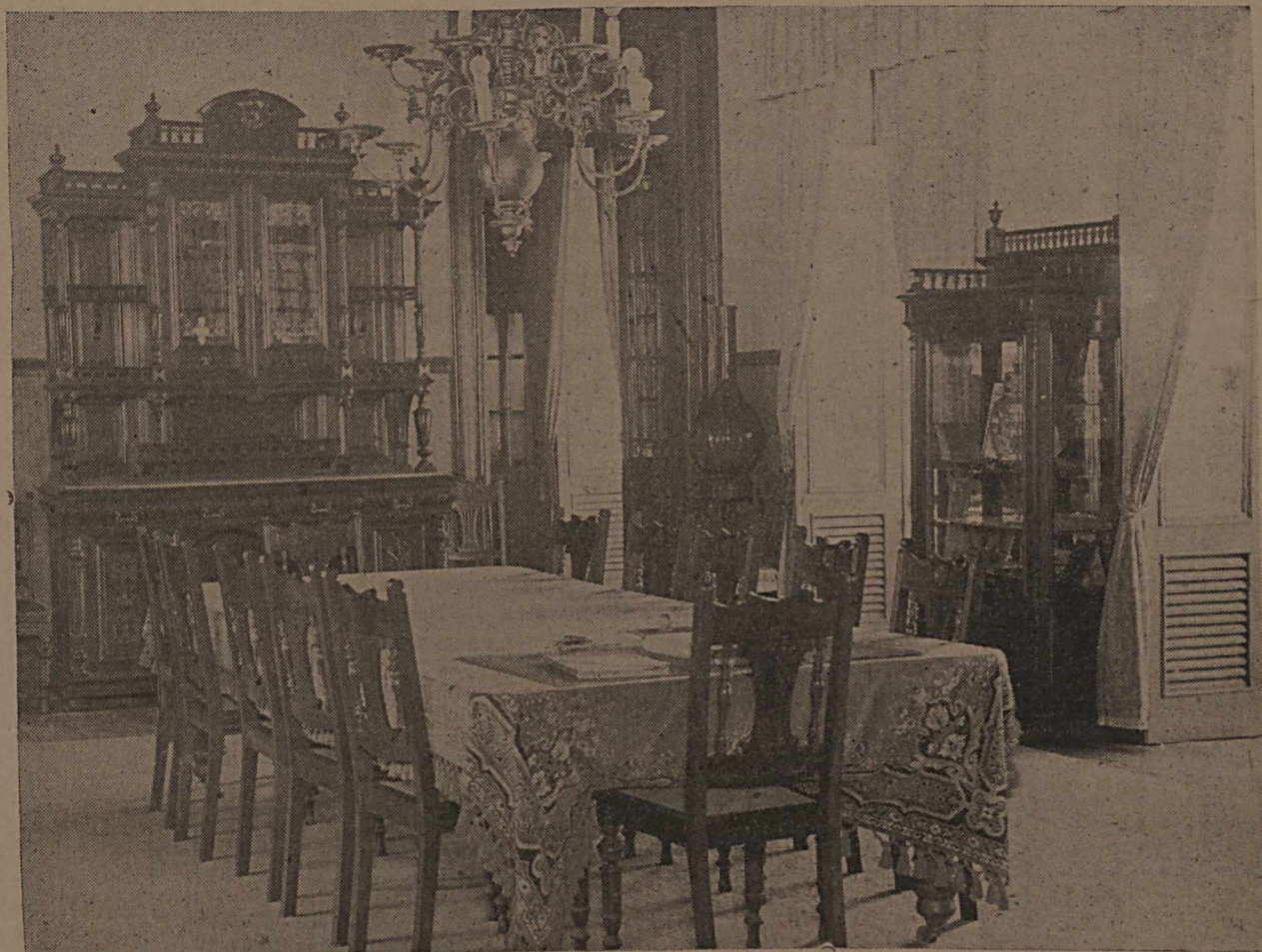
Nossa curiosidade voltou-se naturalmente para as despesas diárias de Ruy. No meio de vários cadernos, procurámos de propósito o de 1890, quando éle era ministro da Fazenda, e um anterior à proclamação da República, correspondente ao ano de 1886.

Eis aquí alguns lançamentos deste último ano:

Barba	300 réis
Gazetas	100 "
Restaurante	1.000, "
Bonde	1.000 "



Gabinete de Haia, com os móveis que Ruy trouxe da Holanda e que ali lhe guarneceram o escritório onde trabalhava



Sala Baía, antiga sala de jantar

Conta do Laemmert	27.000 "
Tilburí	1.000 "
Lafaiete "Direito das Coisas"	16.000 "
Brinquedos para meu filho	2.000 "
Peixe : presente ao Carlos de Aguiar	7.000 "
Conta do gás — 1.º trimestre de 1886....	29.716 "
Conta do Crashley ..	25.000 "
Duas roupas de brim para meu filho.....	25.000 "
Roseiras	6.000 "
Três quintos de vinho português comprados a Antônio Ferreira Jacobina	146.000 "
Corte de cabelo (15-5-1886)	500 "
Conta do colégio de meus filhos, trimestre a findar em fins de julho, Mme. Masset...	112.900 "
Livros comprados ao Visconde de Barbacena (16-6-1886)	10.000 "
Quatro lenços de seda da China para senhora	8.000 "
Fogos para meus filhos (23-6-1886)	15.000 "
Um mês de casa vencido em junho de 1886	225.000 "
Um bilhete de loteria, sociedade com o Ro- dolfo (era Rodolfo Souza Dantas) e o Sancho (o grande jurisconsulto Sancho de Barros Pimentel)	11.500 "
Conta do Barbosa Freitas	5.000 "

Encontrámos também no cofre um pergaminho no qual se lê :

Homenagem d'A IMPRENSA
À Exma. Sra. D. Maria Augusta

*Musa, enaltece essa ideal grandeza
Dêsse lírio que um sol nutre e sustenta,
Canta essa nobre e augusta singeleza
De uma rosa que um cíclope acalenta.*

*Que a majestade e a olímpica realeza,
Tudo de grande que meu verso ostenta,
Alto proclame a mágica fraqueza
Dessa haste em que a virtude em flor rebenta.*

*Que essa virtude cândida floresça
Sôbre a estrelada e genial cabeça
Dêsse cativo da afeição tão justa,*

*Que o rege, que o protege e que o domina,
Porque procede d'alma cristalina
Dessa Maria, além de nobre, Augusta.*

Rio, 23-10-99.

CARLOS D. FERNANDES.

Joaquim Pereira Teixeira
 Carlos V. Bandeira
 Gustavo de Lacerda
 Edmundo Passos
 Castro Soares
 Silva Paranhos
 Heitor Melo
 Luiz Rosas
 Américo do Carmo Fróes
 João Cantídio Leite Marques
 A. Mattos Costa
 João José Correia de Moraes
 Carlos D. Fernandes
 Emílio de Menezes
 Jm. Marques da Silva

O CONSERTADOR DE TAPETES DE BUDAPEST

Os recortes do *Lux-Jornal* haviam chegado.

D. Georgina Ribeiro, encarregada de distribuí-los por pastas adequadas, conforme nos mostrara no momento em que o fazia, deixou de lado os jornais do dia para depois.

— Não há pressa. Vou fazer a distribuição quando a máquina de escrever me deixar.

— P'ra que se assina aqui o *Lux-Jornal*?

Precisamos estar em dia com o que se diz por esse Brasil afora sobre o nosso Ruy. E quer saber de uma coisa? Diariamente seu nome é lembrado em toda parte. O senhor não ouviu há pouco o professor Homéro Pires dizer que "Ruy é o termômetro pelo qual se toma a temperatura dos homens no Brasil"? Pois é mesmo. Ainda hoje o *Correio da Manhã* reproduziu um artigo inteiro de Ruy. Mas não é só nos grandes centros que se faz isto. Em jornais do interior do país, seja no Piauí ou no Acre, ou em qualquer outro Estado, ninguém esquece Ruy. E há de ser sempre assim.

Quando nos falava D. Georgina Ribeiro, o Dr. Américo Lacombe, aproveitando a "deixa", entrou com este por-menor:

— Há pouco tempo solicitamos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional um operário especializado para consertar velho tapete nosso. Fomos atendidos. Ao ver o tapete, disse-nos o operário:

— Como poderia eu supor que ainda viria um dia à casa em que morou Ruy Barbosa?

— Por que? Conhecia você Ruy Barbosa antes de vir ao Brasil?

— Vou me explicar melhor: sou húngaro e estava em 1907 em Budapest. Todos os jornais dali publicavam en-



Sala Constituição, o mais vasto salão da Casa de Ruy, e onde se encontra a parte mais numerosa da grande biblioteca

tão telegramas de Haia e falavam muito num país inteiramente ignorado por mim: o Brasil, que eu nem sabia p'ra que lado ficava essa terra. Falavam no Brasil e num Dr. Ruy Barbosa, ou melhor, num Dr. Barbosa, que tinha dito isto, ou feito aquilo na tal conferência da paz. Pois bem, no fim de minha vida venho bater aqui no Brasil e agora na casa do Dr. Barbosa...

A NEUTRALIDADE EM FACE DA PREPOTÊNCIA ALEMÃ

Ainda temos bem viva a impressão que nos causou a memorável conferência que em 1916 Ruy pronunciou em Buenos Aires, de condenação à neutralidade de certos países em face dos atentados da Alemanha à soberania das nações.

Nesse ano trabalhávamos n'A Noite e, como jornalista, fomos um dia acompanhar o professor Afrânio Peixoto numa visita às escolas municipais de Campo Grande e Guaratiba. Afrânio Peixoto era diretor de Instrução Pública, na administração do prefeito Azevedo Sodré.

Na Fazenda do Monteiro, em Campo Grande, os excursionistas foram obsequiados com um almôço que o saudoso Souza e Silva, diretor de serviço da Prefeitura, lhes ofereceu.

Quando aguardávamos o almôço, chegou o correio da fazenda, trazendo os jornais do dia. E Afrânio Peixoto leu então, em voz alta, a conferência que na véspera Ruy havia pronunciado em Buenos Aires e publicada na íntegra no *Correio da Manhã*.

Com que entusiasmo Afrânio Peixoto a leu! E como todos lhe acompanharam atentamente a leitura, encantados com a lógica terrível de Ruy a comentar "neutralidade", essa neutralidade acomodatória em face da brutalidade!

Relendo hoje essa conferência, que naquela época e agora tem sabor especial, é oportuna a transcrição deste trecho:

... "Neutralidade não quer dizer impassibilidade mas imparcialidade; e não há imparcialidade entre o direito e a injustiça. Quando entre ela e ele existem normas escritas, que os discriminam, pugnar pela observância dessas normas não é quebrar a neutralidade; é praticá-la. Desde que a violência pisa aos pés arrogantemente o código escrito, cruzar os braços é servi-la. Os tribunais, a opinião pública, a consciência não são neutros entre a lei e o crime. Em presença da insurreição armada contra o direito positivo, a neutralidade não pode ser a abstenção, não pode ser a indiferença, não pode ser a insensibilidade, não pode ser o silêncio".

A IMPRENSA NA OPINIÃO DE RUY

Disse Ruy que "não há justiça sem imprensa", e acentuou bem:

"... A publicidade é o princípio que preserva a justiça de corromper-se. O jornalismo põe o homem em comunicação viva com a nacionalidade pelos íntimos órgãos de relação que a publicidade estabelece; e franqueia-lhe uma escola singular, de experiência, trabalho, discreção e intrepidez. E' por ele que o olhar da Nação mergulha nos tribunais, é por ele que a justiça reanimadora ilumina a Nação!

E ainda: "A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe; enxerga o que lhe malfazem; devassa o que lhe ocultam, e tramam; colhe o que lhe sonegam, ou roubam; percebe onde lhe alvejam, ou nodoam; mede o que lhe cerceiam, ou destroem; vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça".

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Ruy disse que "de todas as liberdades, a do pensamento é a maior e a mais alta. Dela decorrem todas as demais. Sem ela, todas as demais deixam mutilada a personalidade humana, asfixiada a sociedade, entregue à corrupção o governo do Estado.

"A palavra não faz mal, ainda às vezes transbordando. Nos países onde se desconfia da palavra e onde a proscrevem, é que nunca se chega a acôrdo e os antagonismos são irredutíveis. Onde, porém, incessantemente se agita a discussão, como na Inglaterra e nos Estados Unidos, sempre se acaba por estabelecer concórdia, e não há problemas insolúveis".

E O DIA DO FUTURO ESTÁ ALVORECENDO...

Em 1894 dizia Ruy:

... "Os países ingleses serão talvez a única zona da civilização moderna, onde os princípios liberais não se terão apagado. E por aí é que há de alvorecer o dia futuro. Na obra da civilização ocidental não há, talvez, mais que três papéis supremos: o da Judéia, berço do monoteísmo e do Cristo; o da Grécia, criadora das artes e da filosofia; o da Inglaterra, pátria do governo representativo e das nações livres. O solo onde ela pisa, reproduz-lhe espontaneamente as instituições. Os povos que saem de suas mãos, livres todos como ela, na América, na Austrália, na África, são outros tantos renovadores da humanidade. Bendita esta raça providencial".

GLORIFICAÇÃO DE RUY BARBOSA PELO BARÃO DO RIO BRANCO

Num quadro pequeno se oferece à leitura do visitante este discurso — "Glorificação de Ruy Barbosa", dirigido à mocidade acadêmica pelo Barão do Rio Branco:

"Meus senhores — Recebo com o mais vivo reconhecimento esta nova demonstração de simpatia com que tanto me distingue a mocidade das escolas do Rio de Janeiro.

"Devo-a desta vez unicamente à circunstância feliz de haver eu proposto ao chefe do Estado, para representante do Brasil na Conferência Internacional de Haia, o grande jurisconsulto e brilhante orador que dentro de dois dias estará aqui de regresso, e que sabereis, de certo, acolher e festejar com toda a efusão do vosso entusiasmo patriótico.

"Confesso, entretanto, que a indicação de Ruy Barbosa para tão importante missão não foi feita somente por mim, mas também por muitos órgãos autorizados da opinião pú-

blica entre nós. E o pronto, cordial e caloroso acolhimento que encontrou, quando a formulei, me fez logo ver que essa escolha, em que me orgulho de haver tido parte, já estava assentada na mente do benemérito estadista a quem o voto popular tão sãbiamente confiou a primeira magistratura desta República. Eu não fizera senão ir ao encontro de uma resolução que os seus sentimentos pessoais e o interesse público lha haviam ditado.

“O que foi Ruy Barbosa naquele grande Parlamento das nações, não preciso eu dizer-vos neste momento, porque já tem sido dito abundantemente na nossa imprensa e na do estrangeiro. Recebido com frieza, com prevenções e até com certa má vontade, êle soube por fim impor-se à consideração geral dos seus pares e à do mundo inteiro pelo inextinguível zelo e competência com que trabalhou e discutiu ao mesmo tempo em todas as quatro Comissões da Conferência.

“Em momento de suma delicadeza tive a honra de lhe dirigir um extenso telegrama que terminava assim:

“Exgotámos os meios de que podíamos lançar mão, aqui e em Washington, afim de que o Governo dos Estados Unidos, de cuja amizade não podemos duvidar, procurasse aconselhar e dirigir a sua Delegação no sentido de serem modificadas as bases do projeto de que V. Ex. tivera notícia. Infelizmente, o Presidente Roosevelt estava e está longe da sua Capital e o Secretário de Estado se acha também ausente e enfermo. Não pode assim êsse Governo amigo tomar as iniciativas que desejámos tomasse no seu próprio interesse e no dos demais países americanos. Agora que não mais podemos ocultar a nossa divergência com a Delegação americana, cumpre-nos tomar francamente aí a defesa do nosso direito e dos das demais nações americanas. Estamos certos de que V. Ex. o há de fazer com firmeza, moderação e brilho, atraindo para o nosso país as simpatias dos povos fracos e o respeito dos fortes”.

“E, como de antemão sabíamos que havia de suceder, Ruy Barbosa esteve na altura da situação, defendendo briosamente a nossa sempre honrada política internacional, combatendo com denodo pelo Direito, e elevando, como ainda ninguém elevou mais, o bom nome do Brasil no estrangeiro.

“O incidente que nos obrigou a tomar a posição que a dignidade nacional nos impunha, magoou-nos muito, mas nos ficou a grande satisfação de haver cumprido o nosso dever, sem procurar adesões que felizmente nos não faltaram neste continente e no da Europa, defendendo com decisão o princípio da igualdade jurídica dos Estados soberanos, tão eloquentemente proclamado na Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro por um dos mais leais amigos dos povos latinos da América, Mr. Elihu Root.

“Aplicando ao grande feito que o Brasil está celebrando as palavras que a benevolência do nosso eminente compatriota lhe inspirou há anos, e para sempre penhoraram a minha gratidão, posso eu agora, mas com inteira verdade e justiça, dizer: — Para semelhante Congresso um advogado como êsse dos nossos direitos; para tão grande advogado, um grande e memorável Congresso como êsse.

“Meus senhores e jovens amigos, agradeço-vos a honra que me fizestes associando ao de Ruy Barbosa o meu nome

nos resultados que para o futuro o Brasil alcançou na Haia e só foram conseguidos pelo peregrino talento, pela admirável erudição e pelo inextinguível esforço do seu digno representante. A mim só coube acompanhar de longe os seus trabalhos, trocar com êle idéias e transmitir-lhe dia a dia o pensamento do Presidente da República sobre as diferentes questões, à medida que elas iam surgindo. E não devo terminar sem dizer que foi perfeito e constante o acórdio de pensamento entre o Governo e o seu grande Delegado durante os quatro longos meses que durou a Conferência”.

RUY EM HAIA

Agora, que já nos referimos a todos êsses móveis e objetos que guarnecem a “Sala de Haya”, podemos aludir, embora de forma rápida, à atuação de Ruy em Haia, com a transcrição do que escreveu o grande jornalista inglês William Stead. Bem sabemos que essa apreciação foi suficientemente divulgada, sendo reproduzida inúmeras vezes pela nossa imprensa e citada exhaustivamente pelos comentadores da vida e da obra de Ruy. Mas não importa. Agrada-nos reproduzi-la. Ei-la:

“Entre os membros da Conferência não tardou muito que se esvanecessem as dúvidas sobre a qualidade e o calibre do representante do Brasil. Desde as primeiras assentadas, tomou parte o doutor Barbosa em todos os mais relevantes debates, com uma compostura, uma calma e uma imperturbabilidade, que, a princípio, o tornaram objeto de zombaria e, ao depois, de desgosto. Tinham vindo a sentir que o Dr. Barbosa era um combatente de primeira ordem, cuja força nunca se mostrava mais eficaz de que na investida. A mais de um dos que o saltaram, deu êle a experimentar de tal modo êsse predicado, que nunca mais se animaram a tocar-lhe. Difícil é imaginar contraste maior do que o que se deu, entre a semana inicial e a derradeira semana da Conferência, na opinião geral a respeito do Dr. Barbosa. A princípio se dizia que a Conferência nunca aturaria o Dr. Barbosa. Mas daí a pouco já se acostumara a conferência a suportar o Dr. Barbosa, e não tardou muito que nele reconhecesse uma das mais poderosas entidades daquela assembléia.

Modesto, humilde, despido de ostentação, dominava a delegação, como influía na Conferência, pela força do seu talento e do seu caráter”.

AS DUAS MAIORES FÔRÇAS DA CONFERÊNCIA DE HAIA

São ainda de William Stead estas palavras sobre Ruy:

“As duas maiores forças pessoais da Conferência foram o barão Marshall, da Alemanha, e o Dr. Barbosa, do Brasil. Atrás do barão Marshall, porém, se erguia todo o poder militar do império germânico, ali bem à mão e presente, de contínuo, aos olhos de todos os delegados. Trás o Dr. Barbosa estava apenas uma longínqua república desconhecida, com um exército incapaz de qualquer movimento militar e uma esquadra ainda por exis-

tir. Todavia, ao acabar da conferência, o Dr. Barbosa pesava mais (*counted for more*) do que o barão Marshall. Maior triunfo pessoal, na recente conferência, nenhum dos seus membros o obteve; e tanto mais notável foi, quanto o alcançou ele por si só, sem nenhum auxílio estranho. Aliados não tinha o Dr. Barbosa; tinha muitos rivais, muitos inimigos e, contudo, vingou àquele cimo. Foi um imenso triunfo pessoal que redundou em crédito para o Brasil".

APRECIAÇÃO DE RUY SOBRE A CONFERÊNCIA DE HAIA

Em numerosos trabalhos, Ruy teve ensêjo de reportar-se às deliberações da Segunda Conferência da Paz e à atitude do Brasil nesse grande conclave que reuniu 48 nações, representadas por 221 delegados.

Para ilustrar esta reportagem basta-nos citar as declarações de Ruy em sua passagem por Paris, de regresso de Haia. Para isso temos de recorrer a êsse interessante livro "Ruy Barbosa" do escritor Fernando Nery:

"Terminada a Conferência, regressou Ruy ao Brasil. De passagem por Paris, prestou-lhe a colônia brasileira uma homenagem que se realizou aos 31 de outubro de 1907, no Hotel Continental. Ofereceram-lhe um bronze de E. Barrias, *A Glória coroando o Gênio*, sendo intérprete dos brasileiros o Dr. Gabriel de Toledo Piza, ministro do Brasil em Paris. Respondendo à saudação sintetizou Ruy os trabalhos da Conferência: "Ela mostrou aos fortes o papel necessário dos fracos na elaboração do direito das gentes. Ela adiantou as bases da pacificação internacional, evidenciando que, numa assembléia convocada para organizar a paz, não se podem classificar os votos segundo a preparação dos Estados para a guerra. Ela revelou politicamente ao mundo antigo, o novo mundo, mal conhecido a si próprio, com a sua fisionomia, a sua independência, a sua ação no direito das gentes. Resta que a América latina, a mais beneficiada nesses resultados, e o Brasil, o mais ativo operário na sua promoção, compreendam o valor decisivo desta situação para o seu futuro".

SERÁ UMA ESPÉCIE DE MANGUINHOS DO NOSSO MUNDO JURÍDICO

Se tivéssemos limitado nossa visita à "Sala de Haya", onde o visitante sente a vida de Ruy na intimidade do lar e nos altos postos da administração federal e sua projeção no exterior, através desse notável congresso internacional, que foi a Segunda Conferência da Paz, de certo que poderíamos julgar suficientemente do valor e da significação da casa que é e será sempre um grande centro de irradiação cultural do país.

Ao deixar a "Sala de Haya" detivemo-nos um pouco a externar ao Dr. Américo Lacombe a surpresa que nos causou o encontro de tantas preciosidades de Ruy e a facilidade de examiná-las detidamente e até mesmo — por que não dizê-lo? — com indiscreção e certo estouvamento...

À alusão de surpresa pelo que vimos, redarguiu o Dr. Américo Lacombe:

— E' esta realmente a impressão que primeiro manifestam os visitantes deste museu: sempre de surpresa e nunca de decepção. Todos esperam encontrar uma casa antiga com algumas recordações de Ruy Barbosa. Mas como vê, o que há é realmente a reconstituição, tão perfeita quanto possível, do cenário em que produziu e agiu um dos mais altos padrões da vida pública brasileira.

— E são muitos os visitantes a esta casa?

— Não muitos em relação à população da cidade. Mas um fato é realmente animador: são em número sempre crescente, o que revela que o interesse do povo pelo passado em geral e pelo patrono desta casa, em particular, é um sentimento que se fortifica e viceja cada vez mais forte.

A esta altura da palestra, chegávamos à sala de jantar da família de Ruy. Essa dependência da casa é, sem dúvida, das que mais sensibilizam o visitante. E até nos pareceu que o Dr. Américo Jacobina passou a falar mais baixo, tocado do mesmo respeito e da mesma atenção carinhosa que tudo ali nos despertava.

— Mas como estava dizendo, a Casa de Ruy Barbosa tem sido de tempos para cá ponto essencial do programa de todos os certames culturais realizados nesta cidade e de todos os visitantes ilustres do país.

(Sobre a mesa da sala de jantar um "livro de impressões", a convidar já com tinteiro e pena ao lado, o visitante ilustre a manifestar-se. Agora, que o Dr. Lacombe nos perdôe, êsse livro poderia ter melhor apresentação...)

E o diretor da Casa de Ruy Barbosa, observando-nos o interesse pelo registo de impressões, assim prosseguiu:

— Nas páginas deste livro poderá o amigo ver que gênero de impressões tem despertado esta casa em homens e corporações que o visitam. Nele o senhor encontrará autógrafos de presidentes da República, ministros de Estado, do cardinal Leme, de diplomatas, do atual presidente da Polônia, que esteve aqui no Rio quando era presidente do Senado polonês, e, finalmente, congressistas e instituições culturais. Ainda recentemente a Casa recebeu visitas muito significativas dos membros da Conferência dos Desembargadores, do Congresso Jurídico Panamericano e do Congresso Jurídico Nacional. Como vê, como museu, a Casa está preenchendo plenamente as suas funções. Mas o modo condigno de honrar a memória de um homem público e do intelectual que mais produziu no Brasil, e que mais fundo influiu em seu meio, não há de ser este — estático. Há de ser dinâmico. Esta Casa há de ser um grande centro de estudos e de pesquisas, donde continuem a ser irradiados pelo Brasil os ensinamentos da ciência política e do direito. Não bastam os estudantes e professores que se utilizam diariamente de seus livros, nem os estudiosos que vêm pesquisar os seus arquivos em busca de revelações históricas. Nem bastam as conferências e comemorações. Já aqui funciona uma sociedade que sob o patrocínio de Ruy Barbosa cultua um dos aspectos mais elevados de seu espírito: a *Sociedade dos Amigos dos Clássicos*, que se reúne neste salão e tem planos bem interessantes relativamente a publicações. Foi perante ela que o Dr. Afonso Pena Junior leu alguns capítulos de

sua obra sobre a autoria da *Arte de Furtar* e que será um trabalho definitivo sobre tão complicado problema histórico. Mas há mais: É' pensamento do Governo, sem atingir o relicário, que é o museu atual, ampliar a biblioteca existente, que é um arcabouço preciosíssimo, transformando-a num instituto de pesquisas jurídicas e políticas perfeitamente atualizado. Será uma espécie de Manginhos do nosso mundo jurídico, onde se estude o que se passa no estrangeiro e onde se verifiquem objetivamente os resultados de nossas leis e de nossa jurisprudência. Isto é uma idéia em elaboração e que o ministro Gustavo Capanema ainda pensa consubstanciar em plano dentro de algum tempo. Como vê, procuraremos venerar a memória do mestre, não carpindo inútilmente sobre seu desaparecimento, mas pondo em execução seus ensinamentos — trabalhando sempre, sem desesperanças, por um Brasil cada vez mais culto e mais civilizado.

O AMBIENTE DA CASA DE RUY BARBOSA

Enquanto ouvíamos o Dr. Américo Lacombe, que nos falava, como ficou dito linhas acima, sobre o programa da Casa de Ruy Barbosa, sentimo-nos tocado intimamente do ambiente doméstico do lar de Ruy, diante daquela mesa comprida, a que ainda se acham encostadas as mesmas cadeiras em que se sentavam os membros da sua família à hora do jantar, tendo o chefe carinhoso à cabeceira, a ser servido, entre atenções e cuidados especiais, pela sua querida Maria Augusta, a esposa dedicadíssima, que era todo o seu enlêvo, toda a sua vida, e a ouvir silenciosamente os "nadas" deliciosos do dia — a travessura de um netinho ou o comentário ligeiro de fato ocorrido na cidade e registrado já nos jornais da tarde.

Embora ansiássemos por bisbilhotar as coisas expostas e muito bem arrumadinhas nos lugares onde figuravam noutros tempos porcelanas e baixelas, a reluzir nos móveis envidraçados da sala de jantar, tivemos que nos despedir do Dr. Américo Lacombe e deixar para o dia seguinte os nossos apontamentos, pois já eram cinco horas da tarde, hora de encerramento do expediente diário da Casa.

NÃO É UMA REPARTIÇÃO PÚBLICA

Dependência do Ministério da Educação, a Casa de Ruy Barbosa nem por isso tomou feição de repartição pública. Cada funcionário trabalha isoladamente num recanto de sala a que suas atividades se acham ligadas. Não há ali a clássica "secção", de mesas dispostas em fila, com funcionários do quadro, e a do chefe a dominá-los todos soberanamente... Nada disso, e felizmente! Seria desvirtuar, banalizando-a, a apresentação de uma casa, que não pode e não deve ser burocratizada.

UMA SURPRESA AGRADÁVEL

Munido de caderno de notas, como se fôssemos um colégio, voltámos no dia seguinte à Casa de Ruy. Era ainda cedo, e o diretor não havia chegado. Fomos então procurar algumas notas que deveriam estar em mãos da funcionária dona Georgina, que depois soubemos chamar-se Georgina Elvira da Costa Ribeiro.

Lá estava ela também no seu canto, pequeno compartimento do "puxado", a velha ala do edifício, (pegado a outro compartimento onde trabalha a senhorita Sílvia Youlten Medrado, fazendo uma versão para inglês de um trabalho do prof. Homero Pires sobre Ruy) de dependências mais modestas da casa, noutros tempos.

— Já bati as suas "salsinhas", os "tijolinhos" de sua reportagem... Pombos em revoada, pau-brasil, regado com água do rio S. Francisco e aquelas placas de bronze em homenagem a Ruy...

— Muito obrigado.

A vivacidade de dona Georgina, reproduzindo com precisão nossa gíria "reportágica", ao chamar de "salsinhas" e "tijolinhos", as pequenas notas em que procuramos suavizar nossa composição, surpreendeu-nos agradavelmente.

— Vamos esperar um pouco pelo Dr. Américo Lacombe, que nos ficou de dar apontamentos sobre a sala de jantar.

— Ah, sim, a "Sala Baía"...

— Não sabia que era esse o seu nome.

— E a sala pegada, a do almôço, se chama "Questão Religiosa".

— Boa, essa!

— São denominações oficiais. Mas os funcionários da casa não a adotam na referência diária, em serviço. Para eles são salas "A", "B", "C", etc. Muito mais fácil e prático.

— Mas a cozinha aqui ao lado, essa não tem nome oficial?

— Ah, essa não! Mas nós lhe demos nome, mas de brincadeira, já se vê...

— Como se chama?

— Sala Vatapá...

— Impossíveis, é o que as senhoras são! Impossibilíssimas! Bem; precisamos trabalhar e vamos esperar o doutor Américo Lacombe. Como disse, ele ficou de nos falar hoje da "Sala Baía".

— Mas não precisa perder tempo. Posso acompanhá-lo até lá e lhe falar sobre as coisas expostas nos armários.

Gostámos da solicitude de dona Georgina, que assim nos veio tirar de dificuldade momentânea.

Ao passarmos pela copa me disse ela:

— Este relógio grande, Ruy trouxe de Londres. Engraçado: parou justamente no dia de sua morte, a 1.º de março de 1923, e nas 8,25, hora de seu falecimento.

— Interessante...

— Pois é.

SALA BAÍA

A sala de jantar, em penumbra, com as janelas fechadas, pareceu-nos àquela hora ainda mais íntima, como se ali perto dormissem os antigos moradores da casa. E Dona Georgina, num instante, fê-la inundar-se de luz intensa, abrindo todas as janelas que deitam para o jardim.

— Nesta *étagère* não há muito que ver: aqui um busto, em gesso, de Ruy, e a garrafa de cristal, na qual veio a água do rio S. Francisco para regar o "pau-brasil" no

dia em que foi plantado no jardim pelo presidente Washington Luis.

Passámos em seguida para uma cristaleira, onde os objetos expostos ficam mais visíveis. E assim divisámos uma cartolina impressa, tendo ao centro um braço heráldico e encimado com êstes dizeres: "Armorial Brasileiro. Época: Brasil Colônia". A gravura reproduz a carta do braço de armas do bacharel José Barbosa de Oliveira, "natural da cidade da Bahia de Todos os Santos — 1776".

Logo em baixo se acha o parecer de Ruy Barbosa sobre a questão jurídica dos portos brasileiros (1919), mandado imprimir e encadernar pela Associação Comercial da Baía. E mais os seguintes objetos e documentos:

Placa de bronze oferecida a Ruy pelo Comité dos Aliados no Estado da Baía em 1919; memoriais diversos de instituições culturais e fotografia do monumento de Ruy em Campinas; uma fruteira de faiança portuguesa que serviu no batizado de Ruy; cunhos de bronze do medalhão comemorativo da Embaixada de Haia: exemplar em papel especial do célebre parecer de Ruy sobre a redação do projeto do Código Civil da Câmara dos Deputados, em 3 de abril de 1902, e que lhe foi oferecido pelo Senado, e acompanhado de uma placa de prata com esta inscrição: "Ao senador Ruy Barbosa, presidente da Comissão do Código Civil".

D. Georgina Ribeiro nos chama a atenção para dois caderninhos, advertindo-nos de que seria bom que tomássemos bem nota, dizendo-nos:

— Êstes dois cadernós contêm apontamentos de Ruy relativos aos compromissos por êle assumidos por ocasião do falecimento do pai, por cujas dívidas se responsabilizou, pagando-as integralmente em doze anos. O Dr. Batista Pereira, mandou encadernar de novo os caderninhos e os ofereceu à Casa de Ruy Barbosa.

PROVA DE ABANDONO EM QUE FICOU POR MUITO TEMPO A CASA DE RUY BARBOSA

Adquirida no Governo Artur Bernardes a Casa de Ruy Barbosa, só em 13 de agosto de 1930 é que foi realmente entregue à visitação pública. Durante muito tempo esteve fechada. O jardim se transformou em espesso matagal, sobretudo na parte dos fundos, onde o terreno vai confinar com a rua da Assunção.

No governo Washington Luis cuidou-se então de restaurar, nas suas linhas primitivas, o jardim e o parque, no qual muitas árvores foram plantadas pelo próprio Ruy. E, a propósito dessa restauração, disse-nos D. Georgina Ribeiro:

— O engenheiro V. Miglietta, a quem foi entregue essa tarefa, fez um relatório a respeito, ilustrando-o com várias fotografias. Depois enfeixou tudo num álbum que ali está. A capa, como o senhor pode ver, é de pele de cobra. Pois bem, a cobra, uma grande cobra, que sempre será lembrada, foi morta no matagal, nos fundos dêste terreno.

Vimos também, num outro armário, o convite de Ruy para participar do famoso baile da ilha Fiscal, realizado a 9 de novembro de 1889. Êsse convite está assinado pelo Visconde de Ouro Preto, presidente do último Conselho de Ministros da Monarquia.

RUY DE ONTEM, DE HOJE E DE SEMPRE

Seria bem deficiente esta reportagem se não tivesse a ilustrá-la a palavra do professor Homero Pires, em revista, embora em síntese, da personalidade de Ruy, ontem, hoje e sempre.

E ao entrevistá-lo procuramos fixá-la imediatamente, pois não desejávamos vê-la depois falha, se confiássemos apenas em nossa memória. E eis como o professor Homero Pires, ao considerar a obra de Ruy, nos adiantou curiosos pormenores, sobretudo relativos à apreciação no estrangeiro de sua individualidade:

— A bibliografia de Ruy é a mais vasta da literatura nacional. As suas obras completas, publicadas em tomos iguais aos da *Queda do Império*, abrangem mais de duzentos volumes. Sômente os artigos de *A Imprensa*, que êle dirigiu, compreendem vinte tomos daquelas proporções. Secção mais considerável do que esta última é a constituída pelos pareceres e trabalhos forenses, verdadeiras monografias de plena atualidade. Muito grande também é a parte da eloquência, na tribuna popular, parlamentar e judiciária.

O conjunto de toda essa obra, porém, e intimamente relacionada com a vida do país, que ela espelha admiravelmente, está em completa dispersão, sendo a tarefa de reuní-la trabalho de quasi toda uma vida. O próprio Ruy não guardava as suas produções, das quais disse que tinha por elas o amor dos felinos: pondo-as na rua, abandonava-as depois. Daí não ter a *Casa de Ruy Barbosa* uma boa coleção dos escritos do seu patrono. Serão precisos anos para se reunir uma. E é ainda isso motivo para não ser essa obra conhecida como devera por certos intelectuais brasileiros.

Alguns trabalhos são da mais extrema raridade. Não farei indicações neste sentido, porque seria quasi redigir um catálogo. Exatamente aquela secção de trabalhos forenses e pareceres, uma das mais importantes, é também a que encerra mais raridades, opúsculos de toda a sorte, difíceis de serem encontrados. E é isso um sério tropêço à publicação das *Obras Completas*. E' assombroso o volume de pareceres e arrazoados forenses de Ruy.

E' também Ruy o brasileiro sobre quem mais se tem escrito. Todo o mundo escreve sobre Ruy. Todo o mundo dá palpite sobre Ruy. Pode-se defender Ruy dos seus negadores com as afirmações mais opostas dêsses críticos que não lêem Ruy. Não tardará muito para que se publique nos Estados Unidos, e em inglês, um livro sobre Ruy, da autoria do Sr. Ch. W. Turner, o qual descobriu aspectos novos nas doutrinas religiosas de Ruy. Não é o primeiro estrangeiro a estudar o nosso grande homem. Já o fizeram Lapradelle, Weiss e vários outros autores de responsabilidade. A tese de doutoramento do atual ministro da Polônia entre nós é acerca das teorias de Ruy na Conferência de Haia.

E é Ruy um nome que os brasileiros não esquecem. A empresa "Lux Jornal" fornece diariamente à *Casa de Ruy Barbosa* tudo o que se publica no país sobre o seu patrono. Êsse serviço não falha um só dia, mas um só dia sequer. Todos os dias, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, o nome de Ruy aparece nos jornais. E' da autoridade de Ruy que o brasileiro em geral se vale para caracterizar alguma coisa. No centenário de Machado de Assis, o dia-

curso de Ruy sobre o autor de *Braz Cubas* foi transcrito de toda maneira: na íntegra, em pedaços e em frases, nos jornais de toda casta. Ruy ficou, para a média do nosso povo, como o homem mais inteligente do mundo e que sabia tudo. Veja o seu jornal: ainda hoje um artigo d'êlé é constituído quasi todo de uma reprodução de Ruy.

Aquí, certa vez, apareceram uns visitantes, que eram guiados por um mais palrador. Era o "língua" da *troupe*, a quem êle explicava tudo a seu modo. A tantas, volta-se para os seus companheiros e lhes fala assim:

— Em Haia, Ruy foi um assombro. Ninguém poudé com êle. Quando chegou lá, mostrou logo para o que servia, perguntando aos delegados da Conferência: — *Em que língua vocês querem que eu fale?*

Mas Ruy não é para o povo tão só êsse oniciente. E' sobretudo o defensor da liberdade, dos direitos individuais de toda sorte. E' vulgar se ouvir dizer em todo o Brasil:

— Ah! Se o Ruy fôsse vivo...

OBRAS DE RUY PUBLICADAS PELO PROF. HOMERO PIRES

O professor Homero Pires vem há muito, como é sabido, se dedicando a estudos sobre Ruy, coligindo o que há de sua obra esparsa, da qual conseguiu já publicar treze grandes volumes e que são os seguintes:

Páginas Literárias

Cartas políticas e Literárias

Campanha Presidencial

Uma Campanha Política

Novos Discursos e Conferências

Correspondência

O Divórcio e o Anarquismo

Comentários à Constituição Federal Brasileira — 6 vols.

SALA QUESTÃO RELIGIOSA

Passámos depois para a sala de almôço, chamada agora "Sala Questão Religiosa".

A mobília que a guarnece veio da antiga residência de Ruy em Petrópolis. Simples e muito modesta.

Sobre uma *étagère* se encontra a grande pá de ferro, da qual se serviu o Presidente Washington Luis para plantar em 13 de agosto de 1930 o "pau-brasil" no jardim e ao qual já nos referimos.

SALA JOÃO BARBOSA

Recanto muito agradável, era antigamente a "sala de estar", onde todos os da família Ruy se reuniam após as refeições para conversar um pouco.

Na parede, o diploma de médico do pai de Ruy, doutor João José Barbosa de Oliveira, datado de 14 de dezembro de 1843, e o retrato a óleo de Ruy, trabalho magnífico de Fitz Geraldo, em 1917.

SALA MARIA AUGUSTA

Há um dispositivo legal referente à "Sala Maria Augusta" e que reza assim:

Decreto n. 4.789, de 2 de janeiro de 1924.

Art. 5.º Na fundação de qualquer natureza que se fizer em virtude desta lei, haverá na biblioteca, constituída pela livraria que pertenceu ao senador Ruy Barbosa, uma secção especial, composta de todas as obras d'êlé adquiridas pela União, e a essa secção será dada a denominação de Secção D. Maria Augusta, em honra à veneranda viúva do imortal brasileiro".

Na Sala Maria Augusta nos avistámos com a técnica de educação, senhorita Virgínia Côrtes de Lacerda que, também no seu cantinho, vem trabalhando silenciosamente na preparação de extenso catálogo das obras de Ruy e sobre Ruy. Além dessa tarefa, que exige paciência e especial atenção, a senhorita Virgínia de Lacerda está procedendo, em colaboração com a senhorita Marta Bittencourt, à revisão das provas do Catálogo de autores da Casa de Ruy Barbosa, que será distribuído nas Academias de Direito e de Filosofia do país.

— Sabemos que está encarregada de organizar um trabalho bibliográfico acêrca de Ruy Barbosa. Poderá dar-nos uma idéia a respeito?

— Um dos aspectos mais interessantes da vida e da obra de Ruy Barbosa é a influência que exerceu no movimento cultural do seu tempo, dada a sua projeção no cenário nacional e internacional durante largo e agitado período.

Para fixar essa influência tão vasta e profunda, a Casa de Ruy Barbosa vem, desde 1941, organizando um catálogo biblio-hemerográfico, de que fui encarregada pelo meu ilustrado chefe, Dr. Américo Lacombe.

Com êsse trabalho, pensa a Casa de Ruy Barbosa prestar grande serviço aos estudiosos e preencher uma lacuna, dada a inexistência de um estudo sistematizado sobre assunto tão relevante.

O catálogo, que obedecerá à ordem cronológica das publicações, pretende assinalar — discriminando a crítica especializada de cada faceta de sua individualidade — a projeção da figura e da obra de Ruy Barbosa, no Brasil e no estrangeiro, reconstituindo a linha de atuação do seu espírito nas épocas mais significativas de sua vida.

Nêle figurará — além da bibliografia e da hemerografia acêrca de Ruy, das referências às suas obras e das citações delas — a parte relativa à iconografia, enriquecida da indicação de retratos, caricaturas e fac-símiles já divulgados, ou de documentação ainda inédita nos arquivos.

— Qual o alcance que terá essa publicação?

— Assim organizado, conterà o catálogo fontes fecundas de sugestões e estudos em profundidade, que a figura singular de Ruy está a exigir dos brasileiros. As resultantes de sua ação social no meio em que viveu e a projeção de sua obra no tempo se farão notar de maneira objetiva, nos diversos setores da cultura e da vida nacional — política, direito, letras, pedagogia, jornalismo, diplomacia — através do estudo dessa variada documentação, assim qualitativa e quantitativamente examinada.

— Como pensa poder reunir os dados necessários?

— As pesquisas até agora realizadas o foram apenas no âmbito da própria Casa de Ruy. Desde que seja, porém, esgotado o material aquí existente — em que ora traba-



SALA MARIA AUGUSTA — A técnica de educação D. Virgínia Côrtes de Lacerda em trabalho da bibliografia de Ruy Barbosa

lhamos — pesquisas serão feitas na Biblioteca Nacional e em instituições congêneres, no intuito de reunir a maior cópia possível de dados a utilizar.

— Quando espera estar organizado o catálogo?

— Seria temerário precisar prazos a trabalhos dessa natureza, visto que, nas pesquisas a realizar, tanto podem surgir dificuldades imprevisíveis como acasos providenciais, que retardem ou acelerem a sua marcha.

Além disso, sobrevêm, não raro, outros trabalhos da Casa, que não permitem completa regularidade na prossecução de obra desse gênero, como, por exemplo, o que presentemente se processa — de revisão das provas do Catálogo de autores desta Biblioteca (de que sairão brevemente os volumes de letras A e B). E é trabalho cuja necessidade também se impõe, para atender às numerosas consultas do público estudioso, notadamente dos universitários de direito e de filosofia e letras.

A Casa de Ruy Barbosa procura, pois, servir, silenciosamente, através do próprio culto do seu patrono, o desenvolvimento da cultura nacional, preenchendo, assim, as finalidades com que foi criada.

RETRATO DE DONA MARIA AUGUSTA

A Sala "Maria Augusta", antiga saleta de vestir da Sra. Ruy Barbosa, guarda uma coleção das várias edições antigas e modernas da obra de Ruy. Infelizmente não são completas. Em bibliotecas particulares há entretanto coleções muito mais amplas e menos falhas.

Um retrato a óleo de D. Maria Augusta empresta a esta sala nota agradável e simpática, despertando natural-

mente ao visitante que o contempla admiração respeitosa e confortadora, quasi afeto e amizade, pela dedicada companheira e grande animadora de Ruy. E êsse retrato foi o último presente de Ruy Barbosa à esposa. O pintor francês Brigand, autor desse trabalho magnífico, terminou-o em 1923, ano em que Ruy faleceu.

A PUBLICAÇÃO DAS OBRAS COMPLETAS DE RUY

Nesta reportagem há de encontrar o leitor pequenas entrevistas, em notas esparsas, sobre Ruy e os trabalhos de sua casa, as quais publicamos conforme nos foram concedidas. Uma revista completa de todos os assuntos referentes ao eminente polígrafo, realizada de jato, seria naturalmente exhaustiva, para o entrevistado ou entrevistados, ou melhor, as nossas vítimas amáveis...

Sôltas, assim, em "tijolinhos", como esta que vamos dar em seguida, permitem leitura menos penosa e melhor separação dos assuntos versados.

Que há, por exemplo, sobre a publicação das obras de Ruy?

Essa pergunta é natural, e ao repórter não custa indagar, de quem de direito, o que há a respeito.

Assim, pois, tem à palavra o Dr. Américo Lacombe:

— Sim, vamos fazer a publicação das obras completas de Ruy. Não é preciso que lhe diga que se trata de um dos maiores empreendimentos culturais do país. Basta dizer que a obra deverá ter mais de uma centena de volumes. Para êsse fim a Casa, devidamente autorizada por decreto, está apelando para técnicos especializados que

devem preparar os prefácios — pequenas monografias sobre o assunto do volume, e não meras apologias do autor. Esses prefaciadores serão homens de vários estudos e de várias correntes do pensamento. Pode considerar-se essa obra verdadeiro monumento erguido pela atual geração à glória de Ruy e eloqüente demonstração da permanência de suas lições. A organização de um só volume, com as pesquisas e estudos que exige e o apuro que deve haver na revisão, consome às vezes meses de esforços. E' preciso ter prática desse gênero de trabalho para bem lhe apreciar o valor. Estou certo de que a obra há de corresponder aos esforços da direção desta casa e satisfazer às exigências dos estudiosos e do público em geral.

NA SALA DO CÓDIGO CIVIL

Esta sala, anteriormente chamada "Gabinete Branco", é das mais interessantes da Casa de Ruy. Nela trabalhou o grande jurista na preparação do célebre parecer sobre o Código Civil.

Guarnecida de dez estantes envidraçadas, havendo, à parede, a cavaleiro de uma delas, um medalhão em bronze, com a efígie de Gambetta, oferta dos militares a Ruy, como gratidão pela sua atitude na defesa da anistia em 1905 (revolução da vacina obrigatória), é um recinto ade-

quado mesmo a trabalhos de pesquisa, pelo silêncio resultante da sua situação num ângulo da casa.

Quando visitámos a Sala do Código Civil, surpreendemos a senhorita Edmée de Carvalho Brandão, encarregada da revisão de originais e provas da publicação que a Casa de Ruy Barbosa vai fazer, dentro em breve, do referido parecer. Como era natural, procurámos indagar da senhora Edmée Brandão a forma de se processar essa revisão, e seu esclarecimento foi pronto.

— Em que consiste a revisão do "Parecer" jurídico?

— A revisão do Parecer sobre a parte geral do Código Civil é, sem dúvida, das mais trabalhosas. Não pode mesmo ser comparada às que se fizeram até agora, todas de obras já concluídas e revistas pelo próprio autor. Trata-se de um rascunho, duma obra incompleta, obra que Ruy Barbosa recusou entregar à Comissão do Senado, classificando-a de "trôço de obra mutilado e despolido".

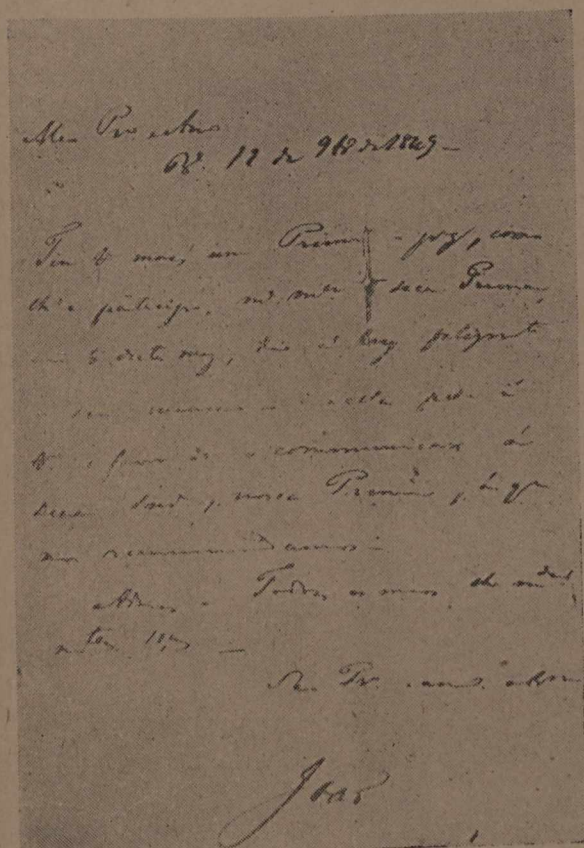
O Parecer, que Ruy Barbosa redigiu em menos de um mês e que se compõe de quinhentas e cinco páginas de papel almaço, algumas acrescidas de cinco a seis outras, com anotações postas posteriormente, apresenta, por isso mesmo que é apenas um rascunho, vários pequenos problemas a serem resolvidos.

A orientação assentada foi conservar a obra no estado em que Ruy Barbosa a deixou, completando, porém, o



SALA CÓDIGO CIVIL — A funcionária D. Edmée de Carvalho Brandão em trabalho de revisão do parecer inédito de Ruy sobre a parte geral do Código

trabalho material de revisão do manuscrito no tocante à verificação das citações, à indicação das fontes e ao cotejo de trabalhos usados pelo autor. Num escritor como Ruy Barbosa, que compunha com rapidez, servindo-se frequentemente da sua inesgotável memória, muitas minúcias e acabamentos ficam para a revisão final.



"Fac-simile" de uma carta do Pai de Ruy, comunicando o nascimento dêste ao Cons. Albino José Barbosa de Oliveira, nos seguintes termos: "Meu Primo e Amigo — Baía, 12 de novembro de 1849 — Tem V. mais um primo — porque, como lho participo, minha mulher, sua prima, em 5 dêste mês, deu à luz felizmente, a um menino, — e ela pede a V. o favor de o comunicar a sua Senhora, nossa prima, a quem nos recomendamos. Adeus. Todos os meus lhe mandam muitas lembranças. Seu Primo, amigo obrigadíssimo. (a) JOÃO."

Às vezes são autores citados, sem que haja depois indicação da obra. Outras, aparece a obra, mas falta o volume ou a página, ou faltam ambos, onde se encontra o trecho citado. Outras, ainda, os números das notas, no texto, não correspondem às indicações dadas. Falta muitas vezes a data das edições usadas e, não muito raramente, falta, no texto, a entrada da nota, que se encontra ao pé da página.

Para se fazer uma idéa mais ou menos aproximada do que seja êsse trabalho, basta dizer que, até agora, quando ainda uma grande parte das conferências está por ser feita, já foram conferidas nada menos que duzentos e dezoito obras diferentes.

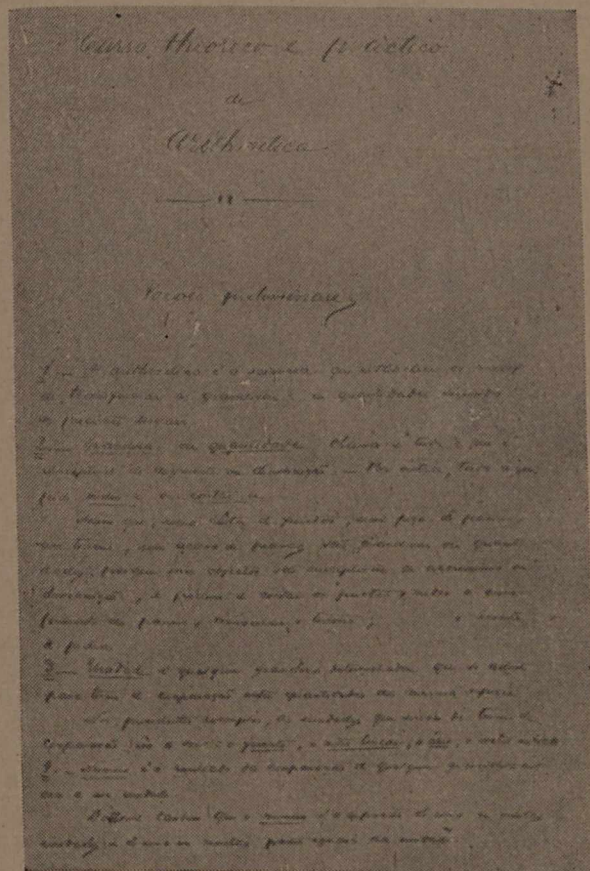
Vimos trabalhando com afinco há longos meses, sob a orientação do Dr. San Tiago Dantas, prefaciador da obra,

e esperamos concluir a revisão ainda êste ano, embora em trabalho desta natureza seja impossível prefixar prazos, pois o acaso decide muitas vezes da rapidez de uma pesquisa, que não tem outra regra senão o rigor máximo e a absoluta exatidão.

UM ESCLARECIMENTO DO PROFESSOR HOMERO PIRES

Depois de ouvirmos a senhorita Edmée de Carvalho Brandão, e quando nos encaminhávamos para voltar, o professor Homero Pires mais uma vez teve ensêjo de revelar o conhecimento perfeito da vida e da obra de Ruy, dizendo-nos a propósito do Código Civil:

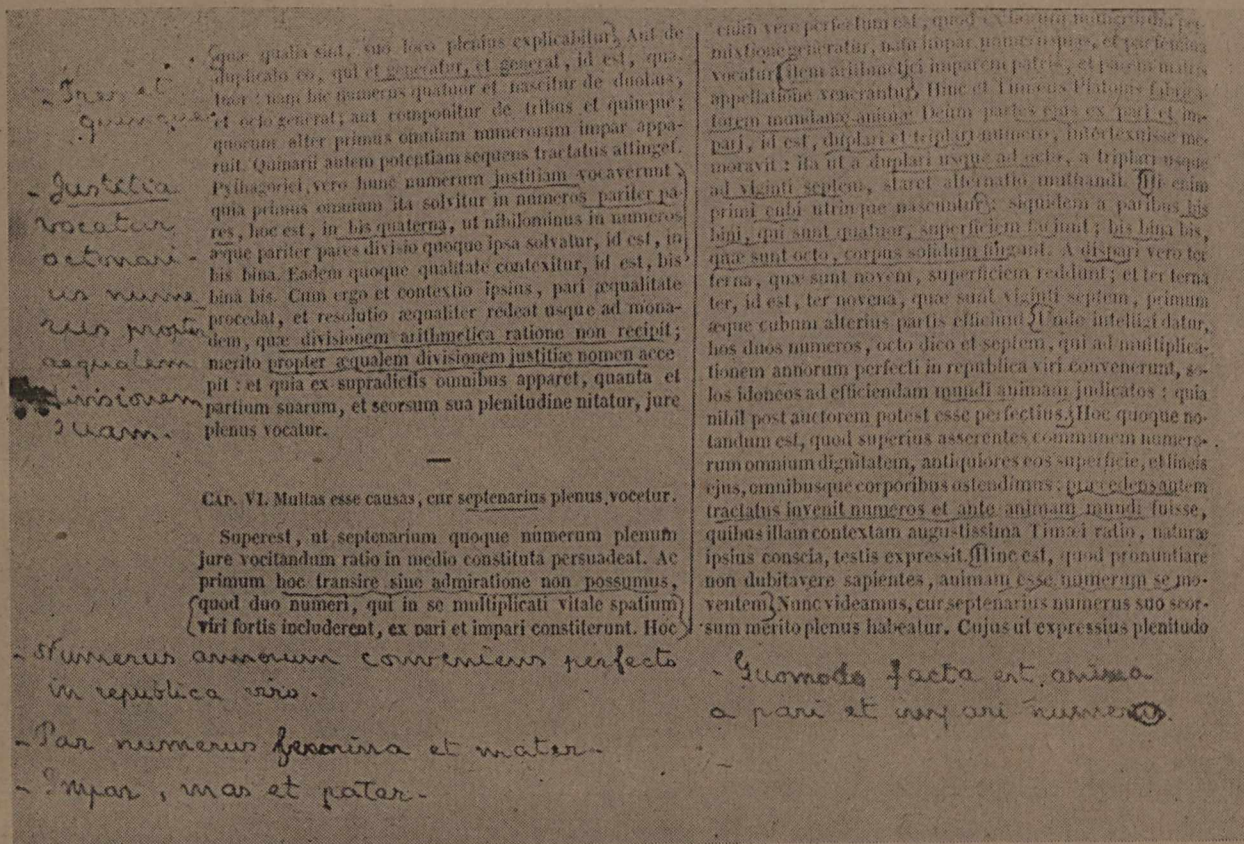
— Redigia Ruy o parecer jurídico sôbre a parte geral do Código Civil, comentando artigo por artigo com extraordinária amplitude, quando, um belo dia, se encontrou em Petrópolis com Leopoldo de Bulhões, o qual lhe comunicou que estava a escrever um parecer sôbre essa mesma parte do Código Civil, que lhe fôra distribuída no começo da sessão legislativa. De acôrdo com o Regimento,



"Fac-simile" de um livro inédito de Ruy — Curso Teórico e Prático de Aritmética

a distribuição se renovava anualmente. Mas essa praxe, a prevalecer num trabalho como o Código, devia manter os relatores nas tarefas que lhe haviam sido designadas, afim de não se verificar anualmente solução de continuidade nos trabalhos e estudos dos parlamentares. Era uma orientação que se impunha pela evidência. Mas, ouvindo a re-

Anotações de Ruy ao Dicionário de Cândido de Figueiredo. Observe-se a nota sobre o vocábulo Florianista, que o lexicógrafo português, valendo-se do próprio Ruy, consignara erroneamente



Anotações do punho de Ruy, em latim, a um exemplar das Saturninas, de Macrobio

A CRUZ E O MAR

Quando Ruy voltou do exílio na Inglaterra, recebeu em sua residência expressiva manifestação dos militares que haviam sido libertados por meio de *habeas-corpus* defendido pelo grande jurista. Esses militares eram os revoltosos de 1893.

Nessa ocasião os manifestantes ofereceram a Ruy a "Vida de Christo" em dois volumes com lindas gravuras de Tissot, obra prima de litografia francesa, toda em policromia. Custou na época 3:700\$000, hoje custaria 15 mil cruzeiros. Foi tirada uma edição única de mil exemplares, sendo que o oferecido a Ruy tem o n. 890 e traz, logo de início, seu nome impresso.

Nessa ocasião, Ruy, agradecendo a manifestação dos militares, pronunciou o seu memorável discurso "A Cruz e o Mar", considerado como uma de suas notáveis peças oratórias.

Eis um trecho empolgante desse discurso:

"... Toda a imensidade transposta entre esses dois polos da civilização cristã, senhores, está resumida na eloquência da vossa oblação: o livro da paz e da liberdade ofertado pela glória militar, em sinal de culto pelo direito, ao último dos seus servidores. Trocando os símbolos da força pela da verdade, na dextra onde vos costuma lampear a espada, entrastes hoje por esta casa com o Evan-

gelho. Militantes em fileiras diversas, encontrámo-nos assim reunidos sob o mesmo estandarte na adoração à palavra divina. Fostes pedir à arte mais fina do século dezenove um monumento da sua miraculosa delicadeza, e por sobre ele, como por sobre uma espécie de ara sagrada, entendeis a mão, comovidos, ao companheiro dos dias de amargura".

BELA IMAGEM DE CRISTO

Afora os livros e a secretária a que já nos referimos, há na Sala Constituição objetos e pequenos móveis também interessantes. Lá está bela imagem de Cristo, em crucifixo de bronze, trabalho artístico de valor. Foi oferta da classe caixeiral da Baía à senhora Ruy Barbosa, que, nas suas visitas frequentes à casa em que viveu durante trinta anos, não deixa de fazer suas orações diante desse crucifixo, ajoelhando-se no genuflexório que o esposo amantíssimo lhe ofereceu.

Ruy costumava subir em pequena escada de três ou quatro degraus, móvel curioso pela sua apresentação e que, desarmado, se transforma numa cadeira.

Não sabemos como poderia Ruy equilibrar-se em tal peça, realmente insegura e fácil de virar, por muito leve. Tão insegura e tão fácil de virar, que um dia virou mesmo, e Ruy sofreu uma queda desastrada, partindo uma perna.

Depois D. Maria Augusta não quis mais saber de travessuras de seu querido Ruy: mandou fazer duas esca-

das bem seguras, com dispositivo de borracha nos pés, para não escorregar. A pequena, a do desastre, ficou ali como lembrança apenas de um descuido ou imprudência do mestre.

Ruy lia os jornais da manhã na Sala Constituição, sentando-se em cadeira de braços, baixinha, de acento de couro. Ao lado direito dessa cadeira, sempre manteve pequeno móvel suplementar, com escaninhos, no qual dispunha os jornais lidos de um lado e, para ler, de outro. Nas menores coisas, a ordem, o zelo, o método. Ruy sempre foi assim.

SALA CASAMENTO CIVIL

Com três estantes, um "toilette" e dois guarda-roupas (de seu uso quando solteiro), que hoje se acham providos de portas de vidro, pelos quais se vê o que contém: roupas de Ruy, sapatos, aquele seu chapéu cinzento de uso freqüente.

SALA QUEDA DO IMPÉRIO

E' a atual sala de leitura e de conferências. Figura em fotografia nesta reportagem. Não havia no tempo de Ruy e é uma transformação de antigas dependências.

SALA DREYFUS

Esta sala nos há de ficar sempre gravada na lembrança, de forma muito simpática: pois foi por ela que começou esta reportagem, num dia em que o professor Homero Pires nos recebeu, inteirando-se de nosso propósito a fazer êste trabalho, que lhe prometemos que seria largo e exaustivo, em pormenores, à falta de outros requisitos. E, parece-nos, cumprimos bem a palavra...

Dentre as muitas denominações dadas às salas da Casa de Ruy Barbosa, a muitas das quais natural é que se faça pequena restrição, quanto à propriedade, poucas nos pareceram adequadas. E, entre estas, se acha a "Sala Dreyfus", que relembra a participação de Ruy no famoso processo que interessou todo o mundo.

E' na "Sala Dreyfus" que o professor Homero Pires tem o seu gabinete de trabalho. E, a propósito da participação de Ruy, disse-nos o professor Homero Pires:

— Ainda hoje tive em mãos o livro "Souvenirs", publicação póstuma do filho de Dreyfus, e no qual há um capítulo especial dedicado à atitude de Ruy na rumorosa questão. Nesse capítulo vem reproduzida larga parte da primeira *Carta da Inglaterra*, de Ruy referente ao caso.

Curiosidades dessa sala: em bronze, uma efígie de Ruy, que pertenceu ao navio "Ruy Barbosa", que naufragou; o



Sala habeas-corpus, antigo quarto de dormir de Ruy, com a cama de ferro em que êle morreu em Petrópolis



Sala Queda do Império, agora transformada em salão de leitura dos consulentes

quadro de formatura dos bacharelados de direito na Baía, de quem Ruy e o ministro Eduardo Espínola foram parainfos; uma grande fotografia de Ruy lendo na Baía a sua plataforma política em 1910, na campanha civilista, e ainda um seu retrato a óleo.

Há também nessa sala muitos livros. Não fazem êles parte da biblioteca de Ruy, pois são ofertas, na sua grande parte, à casa e ali figuram devidamente separados.

MAIS UMA PREVISÃO DE RUY

Ruy não gostou que dessem o seu nome ao navio, dizendo que quando êle fôsse a pique haviam de comentar: "Ruy Barbosa naufragou"... Aliás, foi o que acabou acontecendo, é bem verdade que depois da morte de seu ilustre patrono.

Como se vê, a previsão de Ruy não falhou...

SALA CIVILISTA

Ruy chamava a essa sala de "Gabinete Gótico". As estantes aí são de estilo gótico. E' o recanto da casa que permanece tal qual sempre foi, sem acréscimo de qualquer objeto ou móvel. Era aí que Ruy trabalhava diariamente.

Na secretária, coberta com tampão de vidro, vêm-se os bustos de Homero e Voltaire. Êsse móvel constitue hoje preciosa relíquia: nele escreveu Ruy suas conferências da campanha civilista. A cadeira em que se sentava, para servir-se dessa secretária, Ruy a tinha sobre pequeno estrado de madeira, senão não podia ficar à vontade... (Ruy não gostava que aludissem à sua estatura).

Nesta sala há uma poltrona a óleo vermelho oferecida a Ruy pela viúva do Dr. Virgílio Gordilho, ex-cônsul brasileiro em Paris.

Um livro interessante nos mostrou o Dr. Américo Lacombe e que Ruy sempre conservou no seu "Gabinete Gótico": é o "Brazil and Brazilians", de Kidder e Fletcher, com esta dedicatória de Ruy ao pai.

"Ao meu presado pai em sinal de lembrança.

Recife, 10 de novembro de 1867

Ruy"

Numa dessas estantes góticas encontram-se quasi todos os livros de que Ruy se serviu para elaborar os pareceres sobre a reforma do ensino primário e secundário.

SALA BUENOS AIRES

Era a antiga sala de música da casa. Ruy, como se sabe, era grande apreciador da boa música, e, quando moço

na Baía, chegou a tocar em concerto público. E' de sua autoria um artigo sobre o "Hino Russo" e outro sobre o "Direito da Vaia", em que, defendendo uma artista apupada no Teatro Lírico, fez belíssimo elogio da música e do canto. Foi publicado no jornal *A Imprensa*.

Hoje a sala de música acha-se transformada em biblioteca. Aliás, já era essa a intenção de Ruy, que pensava em modificá-la ao feitiço da de Alfredo Pujol, em São Paulo, cujas estantes, abrangendo toda a parede, seriam guarnecidas de galerias, como hoje já se vê em algumas bibliotecas e lojas da cidade.

Ao centro da sala, foram colocadas três vitrines, nas quais se acham expostos albuns e fotografias, comendas e atos oficiais do Governo nomeando Ruy para suas várias funções diplomáticas.

Vimos ainda este livro: "La Republique Americaine", de O. A. Browson, com esta dedicatória de Ruy ao pai:

"A meu querido Pae, mesquinho, mas singelo penhor de minha profunda gratidão filial — No dia do meu grau, 28 de outubro de 1870. — *Ruy Barbosa*".

Numa outra vitrine: originais do projeto da Constituição de 1891, do próprio punho de Ruy; o decreto imperial nomeando-o "Conselheiro", de 1884, e assinado — *Imperador*; a sua espada de general; vários albuns, achando-se um deles contido em caixa de cedro, fabricada com a madeira da porta do quarto em que nasceu Ruy; condecorações e medalhas comemorativas.

Em outra vitrine os originais da "Oração aos moços" e da conferência em Petrópolis em 1917 sobre a guerra européia.

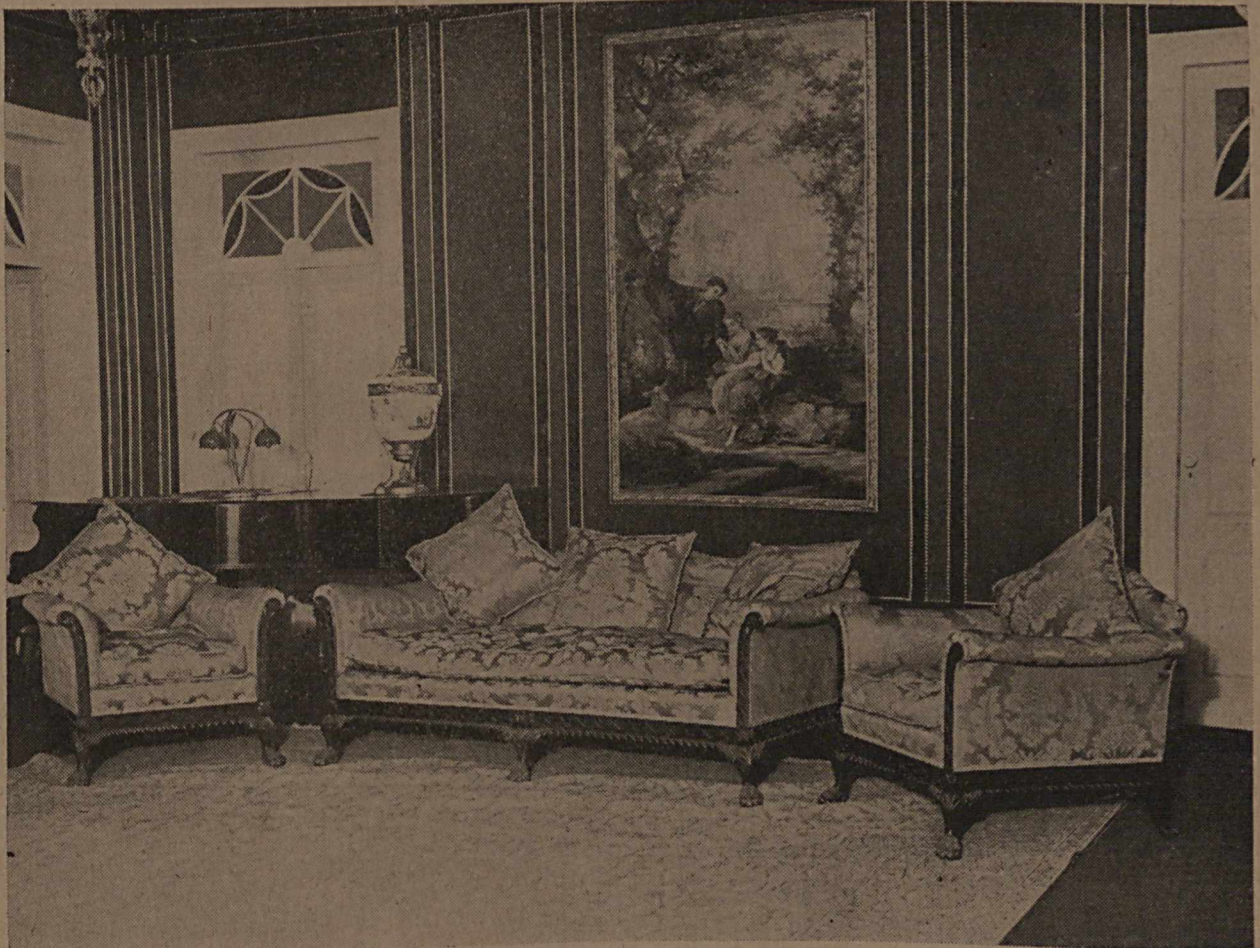
SALA FEDERAÇÃO

Damos fotografia da Sala Federação nesta reportagem. E' a antiga sala de visitas da casa. Ao fundo vê-se legítimo "gobelin", perceptível facilmente na fotografia. O piano, que antigamente se achava na sala de música, está agora na de visitas. Dois belos jarrões, presente de Antônio Azeredo, de um lado; de outro, outros dois jarrões de bronze *cloisonné*, oferecidos pela bancada baiana no Congresso Nacional, completam a ornamentação muito sóbria e distinta da Sala Federação.

SALA PRÓ-ALIADOS

Era a sala de espera, antigamente. Ao centro, a máscara de Ruy, trabalho em bronze do escultor Alberto Beldissara.

Não há muito que registrar mais.



Sala Federação, antiga sala de visitas



Antigas carruagens de Ruy, sendo a primeira de seu uso ainda no tempo de Ministro do Governo Provisório

SALA HABEAS-CORPUS

E' o antigo quarto de dormir de Ruy Barbosa. A mobília que a guarnece é a de seu quarto de dormir em Petrópolis e dela faz parte a cama em que o eminente brasileiro ali morreu.

Num quadro, vimos a bênção papal de Leão XIII a Ruy e também a de Bento XV. Esta última figurava na sua residência de Petrópolis.

Num *psyché*, vários objetos de Ruy, entre os quais uma "medida" do Senhor do Bonfim e um álbum de retratos da família, que Ruy ofereceu à mãe e depois, com a morte desta, o pai ofereceu ao filho com esta dedicatória, um mimo de delicadeza e sentimento:

"A Minha mãe
em 4 de Fev.º de 1866

Ruy Barbosa".

"Ao filho tão amado de sua virtuosa Mãe, em nome della, como reliquia q. lhe inspire as qualidades que ella sonhava nelle e para elle — lh'o regressa, lh'o confia.

O seo Verd.º Amigo
19 de junho 67.

Seo Pai
J. J. Barbosa de Oliveira".

SALA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Encontram-se quatro estantes nessa sala e nenhum objeto que mereça menção especial.

SALA ABOLIÇÃO

E' uma grande sala com doze estantes e um retrato a óleo de Ruy e a mesa e cadeiras que pertenciam à antiga sala de almoço de Ruy e à qual já fizemos menção nesta reportagem.

SALA ESTADO DE SÍTIO

A Sala Estado de Sítio, como as duas anteriores, fica no segundo pavimento da casa.

Nela se vê a escrivaninha de Ruy, de seu escritório da rua da Assembléia, e sobre ella um quadro no qual se lê o despacho de Ruy, quando ministro da Fazenda, ao requerimento de alguns antigos senhores de escravos, que ainda procuravam ser indenizados dos prejuízos decorrentes da extinção da escravidão. Ruy foi decisivo. Eis o que elle respondeu aos petiçãoários:

Despacho de Ruy Barbosa

"Mais justo seria e melhor se consultaria o sentimento nacional se se pudesse descobrir meio de indenizar os es-

escravos, não onerando o tesouro. Indeferido. — 11 de novembro de 1890”.

Ao lado, num armário envidraçado, estão as fitas de coroas levadas ao enterro de Ruy.

RESIDÊNCIAS DE RUY

A casa da rua S. Clemente n. 134, construída em 1850, justamente um ano depois do nascimento de Ruy na Baía, pertencia ao Barão da Lagôa, que depois a vendeu ao inglês John Roscoe Allen, que, por sua vez, a transferiu a Ruy. Desde que foi construída, sempre teve aquela águia de bronze, no jardim, à frente, junto a pequeno repuxo, ornamento êsse que tomou a feição de um símbolo mais tarde.

No livro “Ruy Barbosa”, do Sr. Fernando Nery, encontramos os seguintes apontamentos sobre as residências de Ruy aqui no Rio de Janeiro :

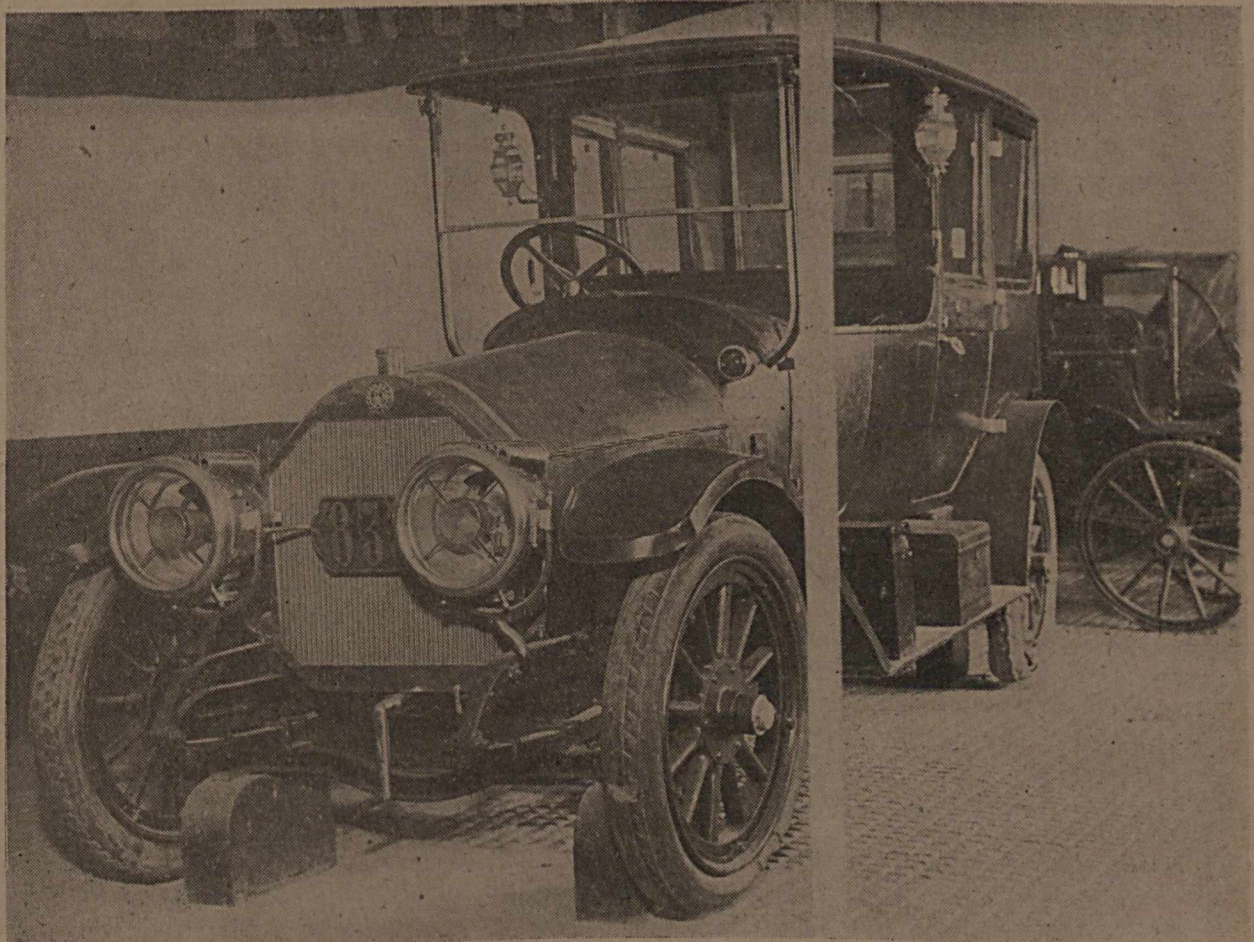
... “Rua do Catete, em frente ao palácio Nova-Friburgo, hoje palácio presidencial ; rua dos Inválidos (residência de seu primo Albino Barbosa de Oliveira) ; rua Carvalho de Sá (residência de seu tio Hermenegildo Barbosa de Oliveira ; aí nasceu o Dr. Alfredo Ruy Barbosa) ; rua do Rezende (residência do conselheiro Martinho Campos, presi-

dente do conselho, que dali se mudou, alugando-a a Ruy) ; desta casa passou, nesta mesma rua, para a residência do Dr. Bandeira de Melo ; praia do Flamengo n. 14 (antigo), desde 1884 até 1894, pagando sempre o aluguel de 225\$000 ; e rua São Clemente n. 104 (antigo), hoje 134 (esta casa foi comprada aos 23 de maio de 1893 a John Roscoe Allen, por 130 contos, por intermédio de Antônio Martins Marinhos, cliente de Ruy).

Em Petrópolis, no verão, residiu em várias casas, e, depois, em prédio próprio, à avenida Ipiranga n. 405, onde faleceu”.

COMO RUY BARBOSA CONSERVAVA OS SEUS LIVROS

E' um prazer passar em revista a biblioteca de Ruy. Não é só a encadernação magnífica de seus livros que agrada. O que chega a surpreender é a sua conservação. Mesmo velhos livros, como a *Divina Comédia*, de 1481, e a edição de Erasmo, das obras de Dion Cassio, Elio Esparciano, Julio Capitolino, Elio Lampridio, Vulcácio Galicano, Trebelio Polião, Flavio Vopisco, isto é, os chamados escritores da História Augusta, em legítima edição *princeps*, como nos mostrou o erudito professor Homero Pires, tudo, enfim, se acha admiravelmente conser-



Velho automóvel de Ruy, marca Benz, de um tipo já hoje curiosíssimo

vado, a revelar assim o zelo do grande amigo dos livros que foi Ruy.

Em sua conferência — “Ruy Barbosa e os livros”, o Sr. Homero Pires nos descreve o processo de Ruy para conservar os seus livros. Ei-lo :

“Ruy Barbosa só se utilizava da naftalina escamada, a qual é de qualidade e efeito superiores à outra, que se vende em forma de pequenas esferas. Esta última, além de ineficaz, quando de todo se evapora, deixa manchados os livros sobre que foi colocada.

Quando Ruy Barbosa adquiria um livro velho, que não apresentava nenhum sinal visível de contaminação, depunha-o durante oito ou quinze dias sobre uma mesa. E' que, sobretudo no verão, os ovos da espécie brasileira, o *dorcatoma bibliophagum*, de Pedro Severiano de Magalhães, em cinco ou seis dias terminam a fase germinativa, e as pequenas larvas começam a penetrar nos livros, através de orifícios imperceptíveis, pois que os furos visíveis e maiores são, em geral, os de saída dos anodídios. Verificado, porém, que, ao correr daquele tempo, nada acusava o volume, era então escovado e limpo com um pano, e posto na estante. Mas, se o livro comprado num alfarrabista revelava provas de contágio, era neste caso fechado, pelo espaço de quinze dias, dentro de uma caixa de Flandres com naftalina, para em seguida ficar em observação os mesmos oito ou quinze dias sobre a mesa. E se o volume não dava mostras da ação arruinadora dos coleópteros, passava pelo mesmo método de asseio através do pano e da escova, e levado afinal ao armário. Sucedendo, porém, ser descoberto na biblioteca um exemplar atacado pelo caruncho, era imediatamente mergulhado em querosene branco, de qualidade superior, de mistura com porções de creosoto mineral, essência de cravo e essência de alfazema. Após, ia o livro para o estágio da lata, onde permanecia entre naftalina oito ou quinze dias. E secava sobre uma mesa ou prateleira de estante aberta, ou ao sol. Quanto aos livros próximos do infetado, embora sem quaisquer vestígios, sofriam todos o mesmo período fatal da lata.

Além de tudo isso, a biblioteca inteira estava sempre a ser ininterruptamente revista livro por livro, e, houvesse ou não sinais de carcoma, se passava em cada um, sobre o dorso e a folha de guarda presa à capa, um pincel embebido numa solução desta fórmula : creosoto mineral, 50 gramas ; timol cristalizado, 20 gramas ; essência de cravo inglês, 10 gramas ; essência de alfazema inglesa, 10 gramas ; sublimado corrosivo, 5 gramas ; álcool absoluto, um litro.

Como outra providência a mais, usava pôr nas estantes porções de naftalina, que depositava dentro de caixas de fósforos, espalhadas pelos raios dos armários. Êstes eram todos, sem exceção de um só, guarnecidos de portas”.

DIRETORES DA CASA DE RUY BARBOSA

- 1 — Artur Viana.
- 2 — Fernando Nery.
- 3 — Alberto Barcelos.
- 4 — Homero Pires.
- 5 — Humberto de Campos.
- 6 — Luiz Camilo de Oliveira Neto.
- 7 — Cláudio Brandão.
- 8 — Américo Jacobina Lacombe.

Interinamente estiveram José Augusto de Lima, Juracy Lodi, Thiers Martins Moreira e Múcio Vaz.

PUBLICAÇÃO DAS OBRAS

Impressas :

- 1 — *Parecer sobre reforma do Ensino Secundário e Superior* — 1882 — Prefácio e Revisão de Thiers Martins Moreira.
- 2 — *Discursos Parlamentares* — 1879 — Prefácio e revisão de Fernando Nery.

No prelo :

- 1 — *Reforma do Ensino Primário* — 2 vols. — Prefácio e revisão de Thiers Martins Moreira.
- 2 — *Artigos n'A Imprensa* — 3 vols. — Prefácio e revisão de Homero Pires.
- 3 — *Discursos no Senado Federal* — 1891 — Prefácio e revisão de Fernando Nery.
- 4 — *Parecer sobre a parte jurídica do Código Civil* (inédito) — Prefácio e revisão Prof. San Tiago Dantas.
- 5 — *Parecer sobre a redação do Código Civil* — Prefácio e revisão do Pe. Augusto Magne.
- 6 — *Réplica*.
- 7 — *Parecer sobre a Abolição dos Escravos* — 1884 — Prefácio e revisão de Astrogildo Pereira.

Em preparo :

- 1 — *A Constituição de 1891. Emendas e discursos na Constituinte* — Prefácio e revisão de Pedro Calmon.
- 2 — *Artigos no Diário de Notícias* — 3 vols. — Prefácio e revisão de Carlos Pontes.
- 3 — *Lições de Causas de Calkins* — Prefácio e revisão de Lourenço Filho.
- 4 — *Discursos na Assembléia da Baía* — 1878 — Prefácio e revisão de Homero Pires.

Para o próximo ano estão programados outros volumes, que ficarão a cargo de Otávio Tarquínio de Sousa, Lúcia Miguel Pereira, João Mangabeira, Wanderley Pinho, Antônio de Sampaio Dória, Carlos Sussekind de Mendonça e outros.

CONFERÊNCIAS

Na inauguração solene falaram Batista Pereira e João Mangabeira.

Batista Pereira, em 5 de novembro de 1933, falou sobre Ruy e o anti-semitismo. Conferência que saiu em livro.

Homero Pires, em 5 de novembro de 1938, falou sobre Ruy e os Livros. Conferência impressa pela Casa.

Augusto Frederico Schmidt, em 11 de agosto de 1939 : “Ruy Barbosa, Defensor do Homem”. Conferência impressa pela Casa.

Elmano Cardim, em 25 de novembro de 1939: "Ruy Barbosa — O Jornalista da República". Conferência impressa pela Casa.

Fortunat Strowski, em 28 de agosto de 1940: "O Livro Francês na Biblioteca de Ruy Barbosa". Conferência impressa pela Casa.

Lourenço Filho, em 28 de fevereiro de 1943, falou sobre os pareceres de Ruy sobre a Reforma do Ensino.

Em 1.º de março de 1943, vigésimo aniversário da morte de Ruy, foi convidado *João Mangabeira*, que pronunciou uma conferência, que sairá em livro breve.

A 8.ª Conferência Internacional Americana, reunida em Lima em 1938, recomendou aos governos americanos a escolha de datas natalícias de homens mais significativos para celebração anual do Dia da Cultura.

O 2.º Congresso das Academias de Letras, promovido pela Federação das Academias de Letras do Brasil, aprovou uma indicação, no sentido de ser escolhido o dia 5 de novembro, aniversário de Ruy Barbosa.

Promovida pela mesma federação, realizou-se, a 5 de novembro de 1939, a primeira comemoração, falando o Desembargador *Cristino Castelo Branco*, da Academia Piauiense de Letras.

Waldemar Vasconcelos, em 1940, da Academia do Rio Grande do Sul.

Homero Pires, em 1941, da Academia da Baía, produzindo uma conferência sobre "Ruy e a Cultura".

Araújo Lima, em 1942, da Academia Amazonense. Pela manhã, Pedro Calmon falara às crianças, após missa rezada na própria biblioteca de Ruy.

LEGISLAÇÃO

Damos abaixo toda a legislação referente à Casa de Ruy Barbosa e que deve interessar aos estudiosos de nossa história administrativa:

Decreto legislativo n. 4.789, de 2 de janeiro de 1924, que autoriza o Poder Executivo a adquirir a casa em que residiu o senador Ruy Barbosa, com mobiliário, biblioteca, arquivo, etc. (Assinado pelo Presidente da República, Dr. Artur da Silva Bernardes, sendo ministro da Justiça o Dr. João Luiz Alves).

O governo, porém, autorizado a adquirir o mobiliário, biblioteca, arquivo, etc., só adquiriu a casa, o arquivo, a biblioteca, e as estantes, como se vê do Decreto n. 16.651, de 23 de outubro de 1924.

Decreto n. 16.651, de 23 de outubro de 1924, que abre ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores o crédito especial de 2.965.000\$000, para pagamento, em apólices da dívida pública interna, das despesas com a aquisição da propriedade intelectual das obras do senador Ruy Barbosa e da casa em que o mesmo residiu, nesta cidade, com a biblioteca, os manuscritos e o arquivo.

Só em 4 de abril de 1927, já no governo Washington Luís, foi expedido pelo Poder Executivo o decreto número 17.758, criando o Museu Ruy Barbosa.

Decreto n. 17.758, de 4 de abril de 1927

Cria o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil:

Considerando a conveniência de manter sempre bem vivo o culto à memória dos grandes cidadãos que por seus serviços se impuseram à gratidão da Pátria;

Considerando que o Estado adquiriu a casa em que viveu o grande estadista republicano Ruy Barbosa, sua biblioteca, seu arquivo e a propriedade intelectual das suas obras:

Resolve, na conformidade da autorização expressa no parágrafo único do art. 1.º do decreto legislativo n. 4.789, de 2 de janeiro de 1924, criar o Museu Ruy Barbosa, expedir para o mesmo o Regulamento que com este baixa, assinado pelo Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores e organizar, *ad referendum* do Congresso, o quadro do respectivo pessoal.

Rio de Janeiro, em 4 de abril de mil novecentos e vinte e sete, 106.º da Independência e 39.º da República.

Washington Luis P. de Sousa
Augusto de Viana do Castelo".

Junto com este decreto foi baixado um regulamento, modificado por este, que ainda está em vigor.

Decreto n. 5.429, de 9 de janeiro de 1928, que cria a "Casa de Ruy Barbosa".

Ainda em novembro de 1928, o decreto legislativo número 5.566, de 5 de novembro (data do nascimento de Ruy), autorizava o executivo a adquirir o mobiliário que ainda existisse para se poder inaugurar o museu. Com o fato do governo não ter adquirido o dito mobiliário imediatamente, como estava autorizado a fazer, e só ter vindo a comprá-lo em 1928, muito coisa se dispersou; chegou mesmo a haver um leilão. Daí as faltas, que se procura preencher, adquirindo-se o que é possível todos os anos. Mas muito coisa está perdida para sempre.

A 13 de agosto de 1930, foi afinal inaugurada, com a presença do Presidente Washington Luís, a Casa de Ruy Barbosa, que em 1.º de dezembro de 1930 passou a fazer parte do Ministério da Educação, então criado.

O decreto n. 24.688, de 12 de julho de 1934, reorganizou os serviços da Casa de Ruy Barbosa.

Finalmente, foi baixado o decreto-lei n. 3.668, de 30 de setembro de 1941, que dispõe sobre a publicação das obras de Ruy Barbosa.

BIBLIOGRAFIA SOBRE RUY BARBOSA

Adalberto Mario Ribeiro — *A Casa de Ruy Barbosa*, "Revista do Serviço Público", out. 1943.

Álvaro de Alencastre — *Ruy* (ensaio crítico), Rio, 1933.

Américo Jacobina Lacombe — *Genealogia dos Barbosa de Oliveira*, in "Anuário Genealógico Brasileiro", São Paulo, 1940.

— *Prefácio a "Mocidade e exílio"*, de Ruy Barbosa.

— *Mocidade heróica de Ruy Barbosa*, in "Rev. de Estudos Jurídicos", 1930.

Aquiles Lisboa — *No Jubileu de Ruy Barbosa*, S. Luiz, 1911.

Araipe Junior — *Dous grandes estilos*, in "Contrastes e Confrontos", de Euclides da Cunha, Pôrto, 1907.

Artur Mota — *Ruy Barbosa*, "Rev. da Acad. Bras. de Letras", n. 30 (1928).

Artur Ráio Nóbrega — *Ruy Barbosa*, S. Paulo, 1918.

Augusto Meira — *Ruy Barbosa e Rio Branco*, Pará, 1918.

Augusto Frederico Schmidt — *Ruy Barbosa, defensor do homem*, Rio, 1941.

Baptista Pereira — *Catálogo das obras de Ruy Barbosa*, Rio, 1929.

— *O Brasil e o antisemitismo*, Rio, 1934.

— *Ruy Barbosa e o Rio Grande do Sul*, 1923.

— *Ruy estudante*, 1924.

— *Figuras do Império e outros Ensaio* (Ruy na Conferência de Haia, ps. 239-256).

— *Ruy artista* (conferência).

Basílio de Magalhães — *Discurso a Ruy Barbosa*, Campinas, 1910.

Clodomir Cardoso — *Ruy Barbosa. A sua integridade moral e a unidade de sua obra*, 1920.

Colemar Natal e Silva — *Ruy Barbosa em seu tempo e em seu meio*, 1928.

Constancio Alves — *Ruy Barbosa e os livros*, "Rev. da Acad. Bras. de Letras", n. 39 (1925).

Carlos D. Fernandes — *Ruy Barbosa, apóstolo da liberdade*, Paraíba, 1918.

Cândido Mota Filho — *Ruy Barbosa, êsse desconhecido...*, S. Paulo, 1942.

Constancio Alves — *Discurso na Biblioteca Nacional*, a 19 de agosto de 1919.

Cursino Belem — *Perfil histórico de Ruy Barbosa*, Fortaleza, 1915.

Elmano Cardim — *Ruy Barbosa — o jornalista da República*, Rio, 1939.

Evaristo de Moraes, — *Discurso*, Rio, 1918.

E. S. Zeballos — *Discurso* — in "Anales del Inst. Populur de Conferencias".

Fernando Nery — *Ruy Barbosa*, Rio, 1932.

Fidelino de Figueiredo — *A personalidade literária de Ruy Barbosa* — in "Brasília" — V. I. 1942.

F. de Aquino Correia, Dom — *Ruy Barbosa e os moços* (discurso), Rio, 1941.

Fortunat Strowski — *O livro francês na biblioteca de Ruy Barbosa*, Rio, 1941.

Francolino Cameu — *Ruy Barbosa*, 1918.

Gilberto Freire — *Ruy Barbosa e a Inglaterra*, in "Autores e livros", 1942.

Gonçalves Rebêlo — *A eloquência de Ruy Barbosa*, in "Brasília", Vol. I, 1942.

— *O humanismo de Ruy Barbosa*, in "Filologia e Literatura", S. Paulo, 1937.

Henrique Coelho — *Ruy Barbosa em S. Paulo*, "Rev. de Ling. Portuguesa", ns. 32 e 33.

Homero Pires — *Prefácio a "Cartas políticas e literárias"*, Baía, 1919.

— *Prefácio e Notas à "Correspondência"* de Ruy Barbosa, S. Paulo, 1932.

— *Prefácio a "Novos Discursos e Conferências"*.

— *Prefácio e revisão de "O divórcio e o anarquismo"*, Rio, 1933.

— *Ruy Barbosa e os livros*, Rio, 1941.

— *As influências políticas anglo-americanas em Ruy Barbosa*, Rio, 1942.

— *Ruy Barbosa e os livros*, Rio, 1938.

— *Prefácio aos "Comentários à Constituição Federal Brasileira"*, S. Paulo, 1932, ps. I-XL.

— *Ruy Barbosa e a libertação dos Escravos* ("Gazeta de Notícias").

— *Ruy Barbosa e a cultura* (Conferência na Casa de Ruy Barbosa).

— *Ruy e a República*.

— *Ruy Barbosa construtor da República*.

— *Ruy e os Estados Unidos* ("Diário de Notícias").

— *Ruy Barbosa escritor e orador* (Conferência na Baía, a 9 de agosto de 1918).

João Leda — *Vocabulário de Ruy Barbosa*, 1924.

João Mendes Neto — *Ruy Barbosa e a lógica jurídica*, S. Paulo, 1943.

João Mangabeira — *Discurso na Câmara dos Deputados*, a 19 de maio de 1923.

— *Ruy e a Liberdade*, Conferência em 13 de maio de 1930, no Teatro Municipal de S. Paulo.

Jackson Figueiredo — *A lição de uma grande vida*, in "América Brasileira", 1923.

José Carlos de Macedo Soares — *Deodoro, Ruy e a proclamação da República*, (Conferência), 1940.

José de Sá Nunes — *Comentários à "Réplica"* de Ruy Barbosa, S. Paulo, s.d.

José-Maria Belo — *Ruy Barbosa e escritos diversos*, 1918.

Laudelino Freire — *Discurso de recepção na Academia*, "Rev. da Acad. Bras. de Letras", n. 30.

— *A defesa da língua Nacional*, Rio, 1920.

Liberato Bittencourt — *Ruy Barbosa* (ensaio psicológico), 1924.

Martins de Almeida — *Ruy Barbosa e seu papel social e político*, in "Brasil errado", Rio, 1932.

Mario de Lima Barbosa — *Ruy Barbosa na política e na história*, 1916.

— *De la Conférence de La Haye à la Guerre des Nations*, Paris, s.d.

- Moreno Brandão — *Ruy Barbosa, Mestre do vernáculo*, Rio s.d.
- Malheiro Dias — *Discurso*, 1918.
- Manuel Vitorino — *Ruy Barbosa*, Baía, 1892.
- Martin Garcia Méron — Cap. XXX XXXIV — in "El Brasil intelectual", Buenos Aires, 1900.
- Moniz Sodré — *Ruy Barbosa perante a História*, Baía, 1919.
- Medeiros e Albuquerque — *Minha Vida*, Rio, 1934, II vol. (Ruy Barbosa, ps. 69-75).
- Monsenhor Fernando Rangel — *Oração fúnebre*, 1923.
- Luiz Viana Filho — *A vida de Ruy Barbosa*, S. Paulo, 1941.
- Nazareth Menezes — *Ruy Barbosa, sua vida e sua obra*, 1915.
- Orlando Ferreira — *Ruy Barbosa e seus detractores*.
- Pinto da Rocha — *Discurso*, Rio, 1918.
- "Revista do Supremo Tribunal Federal", Vol. 33, outubro de 1921, ps. 35-54.
- Ricardo Sáenz Hayes — *Ruy Barbosa, el brasileño de América* — in "El Brasil Moderno", Buenos Aires, 1942.
- Rodrigo Otávio — *Minhas Memórias dos Outros*, Rio, 1936 (Ruy Barbosa, ps. 264-342).
- Ulysses Brandão — *Ruy, estudante no Recife* (no "Jornal do Comércio", 5-6-1927).
- Urbano Duarte — *Ruy Barbosa quando criança*, in "Almanaque Brasileiro Garnier", 1911.
- Tenório de Albuquerque — *A linguagem de Ruy Barbosa*, Rio, s.d.
- *Contradições de Ruy*, Rio, s.d.
- Vital Soares — *Ruy jurista e advogado*, 1919.
- *Pelo civilismo*, Rio, 1929.
- Xavier Marques — *As crenças de Ruy Barbosa*, in "Letras Acadêmicas", Rio 1933.
- W. T. Stead — *Brazil at the Hague*, 1907.